

COLEÇÃO "CANTICUM NOVUM"



*Uma forma de beleza
chamada Heroísmo*

A CAVALARIA NÃO MORRE

Excertos do pensamento de
Plínio Corrêa de Oliveira
recolhidos por Leo Daniele

Sangue,



SUOR,



lágrimas...

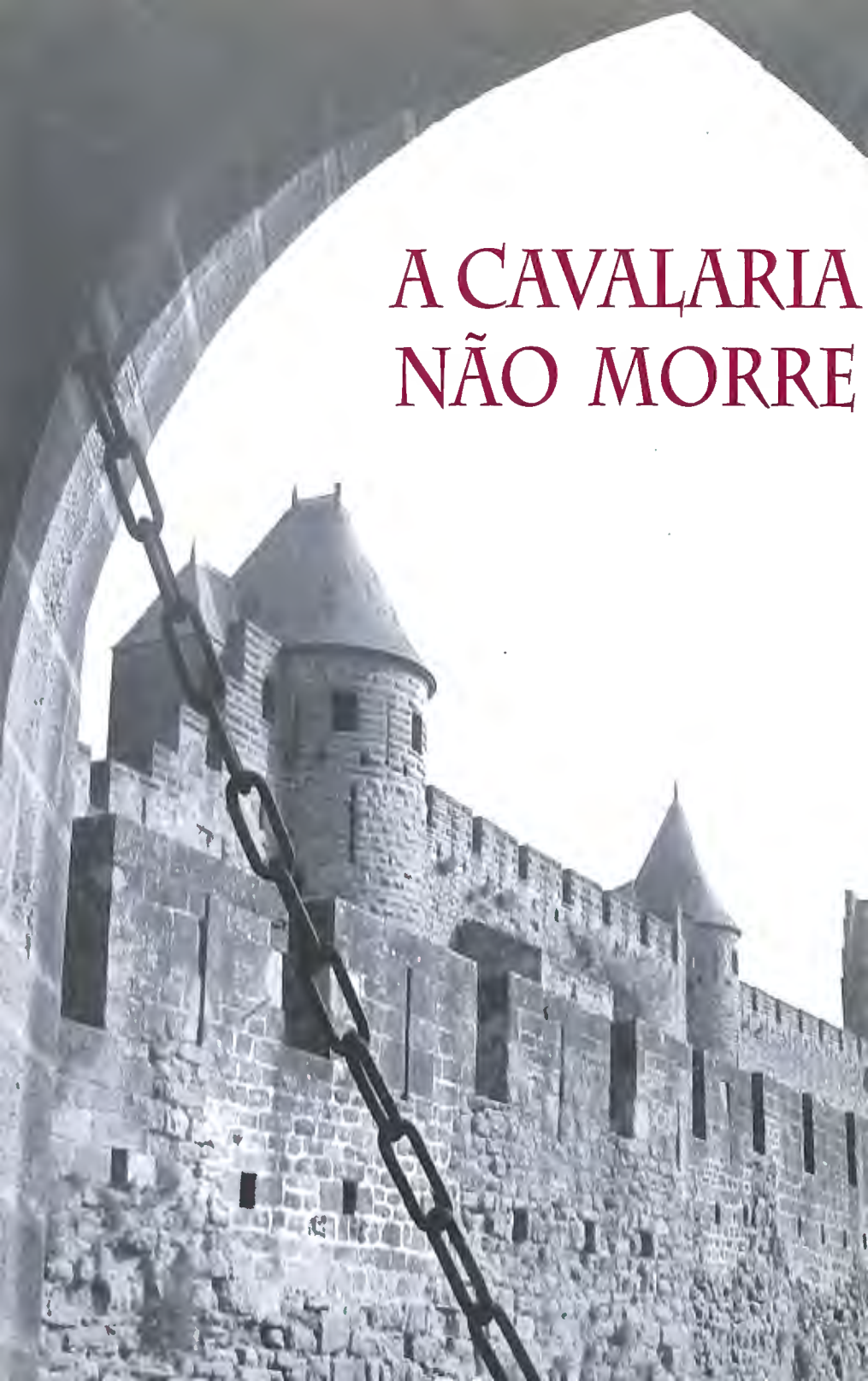


... e oração



Sangue, suor, lágrimas e oração: paráfrase das famosas palavras proferidas por Winston Churchill em 1940: "Nada tenho a oferecer senão sangue, trabalho, lágrimas e suor". -- Ilustração desta página: René Follet, *Missa numa granja* (durante a insurreição vandeiana contra a Revolução Francesa). P. 1: René Follet, *Morte de Monsieur Henri* (Conde de La Rochejaquelein - também durante a insurreição vandeiana). P. 2: Um fuzileiro naval na Coreia, durante o Natal de 1950 (foto de David Douglas Duncan). P. 3: O Aleijadinho, *Pranto de uma das Santas Mulheres* (Passos da Paixão).

A CAVALARIA NÃO MORRE



Seleção, apresentação e notas:

Leo Daniele

Revisão:

Francisco Leoncio Cerqueira

Helio Dias Vianna

Edições Brasil de Amanhã

Rua Javaés 681 - CEP 01130-010 São Paulo - SP

Fone (011) 220-4522 FAX (011) 220-5631

Impressão:

Artpress Indústria Gráfica e Editora Ltda.

Rua Javaés 681 - CEP 01130-010 São Paulo - SP

Fone (011) 220-4522 FAX (011) 220-5631

ISBN 85-7206-046-4

© 1998 - Todos os direitos reservados.

Muitos dos pensamentos contidos nesta obra foram recolhidos em conversas ou palestras, não tendo sido revistos por seu autor, o Prof. Plinio Corrêa de Oliveira.

— **Consignamos agradecimentos comovidos às numerosas pessoas que ajudaram para que este projeto de árdua execução se convertesse em realidade.** Agradecimentos especiais à Direção da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade pela cessão dos direitos autorais atinentes aos referidos pensamentos publicados neste volume e nos precedentes da coleção "Canticum Novum".

A Cavalaria não morre

Excertos do pensamento de
Plínio Corrêa de Oliveira
recolhidos por Leo Daniele

Coleção **"Canticum Novum"**

Excertos do pensamento de
Plínio Corrêa de Oliveira

*Recedant vetera, nova sint omnia**

Publicados:

O Universo é uma Catedral

*A ordem do Universo através de uma
ascensão em sete horizontes, progressivamen-
te mais amplos e mais belos*

À procura de almas com alma

*Tipos humanos - a música das persona-
lidades*

A Cavalaria não morre

*Um sonho, um pesadelo, uma cruzada —
Uma forma de beleza chamada heroísmo —
A maior aventura do mundo — Grandeza*

Em preparação:

✕ A felicidade é a calma

* Retroceda o velho ranço. Que todas as coisas sejam novas!
(Cântico "Sacrum Solemnis"). Os títulos dos livros a publicar
podem sofrer alterações.



ALGUMAS REPERCUSSÕES DE LIVROS DA COLEÇÃO “CANTICUM NOVUM”

Sobre “O Universo é uma Catedral”

João Filipe Osório

Conde de Proença-a-Velha

Foz de Arouche - Portugal

[Esse livro] tem-me revelado um aspecto da personalidade do Prof. Plínio que eu desconhecia: o seu pensamento, a sua ligação e meditação sobre a natureza que o rodeava. Como tenho vivido quase toda a minha vida ligado ao campo, talvez aprecie mais os pormenores desses pensamentos. Nosso Senhor Jesus Cristo quando esteve na Terra devia ter pensamentos parecidos sobre o mar, o sol, a lua, o dia e a noite, o pavão, o gato etc. Sinceramente estou a gostar.

Sobre “À procura de almas com alma”

Pe. Thomas Röhr

Sacerdote alemão residente em Roma

“À procura de almas com alma” [é] dom precioso que reflete o espírito soberano e iluminante do venerável fundador do movimento TFP... Os pensamentos do ilustre líder católico têm uma grande importância no nosso tempo. Divulgar as exposições lúcidas do Prof. Plínio será

sem dúvida um remédio salutar para combater as doenças da sociedade moderna.

Ministro Luiz Octávio Gallotti

Supremo Tribunal Federal - Brasília

"... sempre bem-vinda recordação de mestre Plínio Corrêa de Oliveira"

José Carlos do Amaral Vieira

Musicólogo, pianista e compositor

Como gostaria que este livro estivesse à cabeceira de cada brasileiro, nesta transição de século! Quantas orientações da mais profunda sabedoria; quantos caminhos em direção à Luz Divina!

O capítulo "A música das almas" tocou-me especialmente, pois não me recordo de ter lido associação tão pertinente (e perfeita) entre espiritualidade e manifestação musical.

Estarei aguardando ansiosamente a publicação de [outros livros da coleção] "Canticum Novum" e enquanto isto não ocorre, estaremos relendo, com redobrado entusiasmo e prazer os volumes que já foram revelados.

Fernando Antúñez Aldunate

Paris - França

Acabo de ler seu livro "À procura de almas com alma", o que fiz lentamente para me ir deliciando a cada gole. Dr. Plínio queria muito formar uma escola no estilo dos Ambientes, Costumes e Civilizações. Esse livro é um belo passo nessa senda.*

* Famosa seção do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira na revista "Catolicismo".

Ao Leitor

DO SONHO AO *pesadelo, do pesadelo ao chamado do dever, desse chamado à coragem, da coragem à grandeza, os pensamentos contidos nesta obra são percorridos de ponta a ponta pelos acordes épicos de um clarim de batalha.*

Um toque de clarim que evoca a Cavalaria é belo por sua natureza. Pois pode-se muito bem dizer que beleza e heroísmo são o verso e o reverso da mesma medalha.

O heroísmo não é somente, nem principalmente, uma forma de beleza. Ele é antes de tudo o cumprimento do dever em condições árduas. Entretanto, a beleza leva ao heroísmo. E o ambiente natural do heroísmo é a beleza, ainda que ele se exerça em ambientes sórdidos como o é, por exemplo, o fundo de uma trincheira.

MAS O SONHO e a luta são termos contraditórios — dirá alguém. Pois é difícil sustentar que um sonhador possa ser um realizador, quanto mais bom lutador.

O português é um idioma repleto de matizes. Da mesma forma como é possível ter sentimento sem ser sentimental, é possível sonhar sem ser um sonhador. Pois esta última palavra carrega conotações pejorativas, e até censuráveis.

O povo lusitano, por exemplo, sonhou com inúmeras conquistas. E realizou várias delas. Nossa Pátria-Mãe, marcada por um sólido bom senso, constitui uma nação de sonhadores? Muito pelo contrário. Poucos povos tem o senso do pão-pão, queijo-queijo, como o possui o lusitano.

É que existe sonhar e sonhar. Na concepção pliniana, sonhar não é fugir da realidade, mas pelo contrário, encontrá-

la. Nada mais desprezível que sonhar quimeras. Nada mais respeitável – e necessário – que “sonhar realidades”. Pois nessa concepção sonhar é desejar, e os desejos são o que move o acontecer humano.

*Dizia de maneira lapidar Plínio Corrêa de Oliveira:
“Quem não sabe passar das estrelas aos vermes não é digno
nem das estrelas nem dos vermes”.*

Foi pensando nas estrelas, mas sabendo passar aos vermes — ou seja, aos últimos detalhes de execução — que ele fundou e levou a grande desenvolvimento a TFP brasileira (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade). Com ele, pela primeira vez o Brasil exportou ideologia. Por ocasião de sua morte, a entidade tinha similares co-irmãs e autônomas em 28 países, nos cinco continentes. Um sonho. Uma realidade.

O HEROÍSMO SUPÕE a existência do herói. E o herói é, por vezes, o fruto de concepções distorcidas. Nossa cultura está juncada de falsos tipos de heróis: o herói grego, meio homem e meio deus, em luta contra o destino; Dom Quixote, o “herói” entre aspas, ridículo, fora da realidade; o herói romântico, em busca da façanha pela façanha, exclusivamente para brilhar e para a satisfação de seu ego. Para não falar dos super-homens dos filmes e revistas, frenéticos filhos da excitação e da loucura.

Para a massa pós-moderna, herói é uma pessoa que deseja se singularizar; pretende sobressair, em vez de ser como todo mundo. Porque todo mundo deve ser como todo mundo.

Mas o herói católico, que é aquele de que trata este livro, não se identifica com nenhuma dessas formas defectivas de heroísmo. Ele não se preocupa que o classifiquem como herói, ou não. O que ele quer é cumprir uma missão, racionalmente definida. Ele luta por algo que está acima de si, e que vale mais que sua própria vida. E portanto, também mais do que aquilo que hoje se chama “sua realização pessoal”, sua idolatrada “qualidade de vida”.

O verdadeiro herói é um despretenhoso. O heroísmo católico supõe a existência de um ideal que seja verdadeiro, e diante do qual a pessoa se sinta pequena.

O heroísmo, na escola pliniana, brota da nobreza de alma, e não da vaidade, da teimosia, do amor próprio, da raiva pessoal. Não existe verdadeiro heroísmo sem bons motivos.

Nesse contexto, a beleza também tem o seu papel, e o verdadeiro cavaleiro não a despreza, antes a busca incansavelmente.

O LEITOR TEM em suas mãos um livro de excertos, não um tratado. Celebro o fato de ter o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira publicado renomados tratados, que constituem uma espécie de cordilheira, até hoje absolutamente inexpugnável às investidas de todos os adversários. Mas a presente obra não tem outra pretensão que a de ser uma espécie de rapsódia, ou seja, algo como um conjunto de fragmentos de cantos épicos. Porque Plínio Corrêa de Oliveira, além de pensador e de homem de ação, foi também um bardo.

O público conhece menos bem este aspecto de sua personalidade multifacetada. Convém altamente divulgá-lo, para proveito geral.

A contingência da luta, inerente à natureza humana e tão cogente nos dias em que vivemos, deve ser assumida com entusiasmo, e não apenas com resignação.

Na alma de quem assim pensa, a Cavalaria não morre. Sem cavalos, sem armas, ela continua a ser a maior aventura do mundo.

E também a maior ventura.

Índice

- 12 *Ao Leitor*
- 16 *Sonhar realidades*
- 62 *Um pesadelo também real*
- 84 *A reação - Uma cavalaria
sem cavalos*
- 104 *Da inocência nasce o cavaleiro*
- 114 *Pequena galeria de
tipos guerreiros*
- 154 *O cavaleiro do Terceiro Milênio*
- 160 *As coragens do novo cavaleiro*
- 186 *A nova esgrima em dez avisos*
- 208 *Grandeza*
- 218 *Epílogo*
- 228 *Recado*
- 234 *Glossário*
- 238 *Revolução e Contra-Revolução
(resumo)*

*No extremo de todas as considerações
nós encontramos o imenso.
Plínio Corrêa de Oliveira
(12-9-81).*



SONHAR REALIDADES



Entre o sonho e o sono...

A HISTÓRIA É, *na alma dos homens, um movimento pendular entre o sono e o sonho.*

Na História dos povos, há horas em que o sono toma a dianteira sobre o sonho, e outras em que o sonho¹ se avanta.

**OS SONHOS E
AS ASPIRAÇÕES SÃO
A FORÇA MOTRIZ
DA HISTÓRIA.**

Modificando-se a engrenagem das aspirações, modifica-se o curso da História.

Todas as nações caminham para a idéia de um estado perfeito, de uma sociedade perfeita, de uma ordem de

*coisas perfeita:
é a Cidade
Perfeita² como
diziam os
antigos.*



O Aleijadinho - Jonas

O Paraíso que se foi

O PARAÍSO [terrestre] *era a participação de todos na semelhança de Deus.*

Era o gênero humano, a cada passo, ir destilando mais famílias, mais nações, mais regiões, mais belezas, mais arquitetônias, mais esplendores.*

ERA IR CAMINHANDO
DE OGIVA EM OGIVA,
DE VITRAL EM VITRAL
E DE ÓRGÃO EM ÓRGÃO,
ATÉ UM PONTO QUE
NÃO SE SABE IMAGINAR.

Era esse andar consonante, rumo a uma santidade sempre maior, sempre maior, até a glorificação final.

* As palavras com asterisco são explicadas no Glossário, ao final deste volume (p. 235).



Tapeçaria flamenga do século XVI
Adão e Eva expulsos do Paraíso

Poder lutar é outro Paraíso

O HOMEM, *passando para a Terra,*
perdeu tudo quanto perdeu, mas em
certo sentido ganhou algo.

É que a luta se tornou para ele muito
mais dura, e na possibilidade dessa
luta se encerra muito mais sofrimento.

NO ÁPICE DESSA LUTA
ESTÁ O VERBO DE DEUS,
QUE MORREU POR NÓS
E NOS RESGATOU:
LUTA DAS LUTAS,
TRAGÉDIA DAS TRAGÉDIAS,
SUBLIMIDADE DAS
SUBLIMIDADES.

Oh! *felix culpa!*³ *A Humanidade rece-*
beu a batalha, e a guerra, e a oposi-
ção, e a inconformidade.



No grêmio da Santa Igreja floresceram várias Ordens religiosas combatentes.
No desenho, da esquerda para a direita:
Ordem do Santo Sepulcro, Ordem de Malta, Ordem do Templo, Ordem de Santiago de Espada e Ordem Teutônica.

A Terra deve lembrar o Paraíso

O HOMEM, *criado para o paraíso terrestre, e para um estado de integridade que perdeu em razão do pecado, sente, no mais profundo de si mesmo, uma viva apetência para essas condições, das quais, segundo o plano divino, jamais se deveria ter afastado.*

A tendência para o que genericamente poderíamos chamar, talvez com alguma impropriedade, o paradisíaco, palpita, pois, como uma força estuante e insopitável, no fundo de cada homem.*

Essa força nele se faz sentir, a todo momento, se bem que em graus e formas diversas, e se mescla, ora consciente ora inconscientemente, em tudo quanto ele apetece, pensa ou quer.

* Como dito, as palavras com asterisco são explicadas no Glossário, ao final deste volume (p. 235).

Orientada pela Fé, elevada pela graça, desenvolvida segundo as normas da moral católica, essa apetência do paradisiaco constitui uma força indispensável e fundamental para a dignificação do homem em todos os seus aspectos.*

Ela o convida a elevar e modelar sua alma e a melhorar quanto possível as condições de sua existência terrena, e sobretudo ela o convida a aspirar ao Céu e a nele pensar com freqüência.

**A CRISTANDADE DEVE
SER TODA PAILLETÉE⁴ DE
CÉU E DE PARAÍSO, E NISSO
O HOMEM DEVE ENCONTRAR
ESTÍMULO PARA AMAR A IGREJA.**

Não se trata de restaurar o paraíso — isto cheiraria a milenarismo⁵ — mas de criar uma ordem de coisas tendente a algo que, tanto quanto possível, corresponda a um certo desejo do paradisiaco que há em nós.*



Reprodução fotográfica de um pedaço de tecido *pailleté* (tamanho natural). Dizia Plínio Corrêa de Oliveira que “a Cristandade deve ser toda *pailletée* de céu e de paraíso”. A comparação é extremamente feliz, pois esse tipo de tecido tem, de mistura com sua trama, pedaços de uma substância metálica que resplandecem de forma opalescente aqui e acolá. Analogamente, esplendores paradisíacos deveriam se fazer ver nas realidades terrenas, como o *pailleté* faísca no tecido comum.

A vida continuará um vale de lágrimas.

*Que algo desta luz ilumine aqui e ali
esse vale de lágrimas, que algo dessa
brisa lhe dê perfumes, é o ponto de
partida para um verdadeiro programa
católico de ação⁶.*



Um mundo de sonho

A HISTÓRIA é o caminhar da Criação para realizar em si a perfeição à qual foi destinada.

É certo que na ordem tendencial o homem, antes do pecado original, tinha um universo de tendências retas; depois da queda, muitas dessas tendências permaneceram, levando-o a aspirar coisas análogas às do paraíso, de sorte que ficou no homem uma nostalgia do paradisiáco, não só do paraíso celeste, mas também de uma vida terrena com uma nota paradisiaca⁷.*

Como paradisiáco, não entendo apenas o delicioso, nem principalmente o delicioso; mas é a coisa esplendidamente ornada, ordenada, verdadeira, boa e bela, segundo as exigências da ordem natural das coisas, criada por Deus para a própria glória dEle, e por causa disso sumamente semelhante a Deus dentro da esfera própria.*

A archi-língua

FOI UM SONHO, *mas foi um sonho maldito, a torre de Babel.*

Sou levado a achar que, com a confusão das línguas na torre de Babel, algo da mente humana se rebaixou: o homem ficou menos inteligente, menos capaz, perdeu o domínio da archi-língua, que exprimiria tudo, que diria tudo, com matizes nem sei quais, com a graça grega, a precisão latina, os matizes franceses, a vivacidade alemã, os sons portugueses, o timbre castelhano, o cantante italiano, e daí para fora.



Valkenborch
A Torre de Babel

Eu tenho a impressão de que as línguas de hoje nem sequer são o patois⁸ da língua pré-Babel, e que houve uma queda no padrão humano.

O sonho da Cristandade

COMO QUE *de repente aparece, delimitado em relação aos parentes mais próximos — e às vezes, até, já de punhal contra eles — um povo. Diz: “eu não sou as minhas raízes, eu sou eu mesmo”.*

E a partir desse momento começa a caminhada de maturação em maturação, de verdade em verdade, de bem em bem, de pulchrum em pulchrum, rumo às excelências a que Deus lhe chamou a exprimir e a realizar dentro da História.*

Civilização católica é a estruturação de todas as relações humanas, de todas as instituições humanas, e do próprio Estado, segundo a doutrina da Igreja.

A Cristandade seria, tanto quanto possível, um espelhar fulgurante da ordem paradisiaca e da ordem angélica entre os homens.*



Cristandade não é de nenhum modo apenas a sociedade idealmente bem organizada, em que tudo funciona bem.

É muito mais do que isso.

É a ordem de coisas em que o espírito humano subiu tão alto que ele se exprime em símbolos nos quais o homem julga superada toda a beleza conténível nesta terra e se lembra do Paraíso terrestre; não inteiramente saciado com a própria beleza do Paraíso, se lembra do Céu.

**O CÓDIGO PERFEITO DA
CONDUTA HUMANA ESTÁ NOS
DEZ MANDAMENTOS DA
LEI DE DEUS.**

Se todos os homens seguissem integralmente esta Lei, todos o problemas ideológicos e morais da humanidade se resolveriam a fundo.

Se, pelo contrário, todos os homens violassem integralmente essa lei, a humanidade se autodestruiria em tempo não muito longo.

Nós queremos uma época que esteja para a Idade Média como para esta esteve a era de Constantino, que lhe foi anterior.

ASPIRAMOS A UMA CULTURA EM
QUE TUDO SEJA CONCEBIDO EM
FUNÇÃO DE GRAUS DE PERFEIÇÃO,
TUDO ORDENADO AO SUBLIME NO
SEU RESPECTIVO GÊNERO.

Mais do que a salvação das almas, nós queremos a glória de Deus. Não devemos fazer nossa obra por uma espécie de mera filantropia sobrenatural.





Dürer
Carlos Magno

Sonhos imperiais

O SACRO IMPÉRIO foi um sonho. O homem que acreditou em seu sonho e o realizou foi Carlos Magno.

A Espanha e a Companhia de Jesus levaram a Contra-Reforma ao mesmo tempo longe e menos longe do que deveriam.

Se mais tivessem sonhado, mais longe teriam ido.



Tiziano
Carlos V



Carlos V não sonhou. Ele dirigiu um império de sonho com a alma de um homem que não sonha.

Sonhamos com ele, mas ele não sonhava consigo. Desventurado! ele era um homem que não acreditava no sonho que incarnava.





HÁ ALGUMA COISA *que faz do luxo oriental algo em que a alma do povo todo esteve empenhada.*

Não foi o nababo que imaginou o tapete persa. Nem os desenhos, nem as cores, nem a arte de fabricar. Felizes os modestos artesãos que nas margens do Cáspio fazem estes tapetes; eles sonham tapetes, eles são muito mais felizes do que o nababo que usa o tapete.

Eles são nababos do sonho.



França, país de sonho

*França,
este sonho
que põe o
mundo a
sonhar...*

*Pode-se dizer
que a França é
dotada de uma
força helicoidal
que a vai elevando,
elevando cada vez
mais, e que é o sonho.*

*A França que não sonha é
um arrabalde de si mesma.*



O sonho das navegações

CADA POVO TEM *seu sonho*⁹.

É uma coisa sugerida pelo mais fundo da realidade que está em todos, em função de uma missão histórica dada a todos, e que todos têm uma tendência profunda a realizar.

Um exemplo lindíssimo de sonho foram as navegações portuguesas. Em certo momento estala na cabeça dos habitantes daquela pequena nação que eles têm que descobrir o mundo, têm que conquistar o mundo.

Os castelos ruem diante dos passos deles.

Quando uma nação ou uma alma estão no pleno éssor¹⁰, no pleno surto do sonho, tudo sorri, tudo são bênçãos, tudo são graças.

*Quando uma nação pára de sonhar,
tudo se lhe complica.*

*D. Sebastião foi o rei engendrado pela
esperança e pelas saudades.*

*Camões já geme porque Portugal não
sonhava mais.*

*“Os Lusíadas” foi um brado laico para
ver se despertava um povo cuja fé
dormia e só poderia ser acordado por
uma voz muito mais altissonante que
a de Camões.*



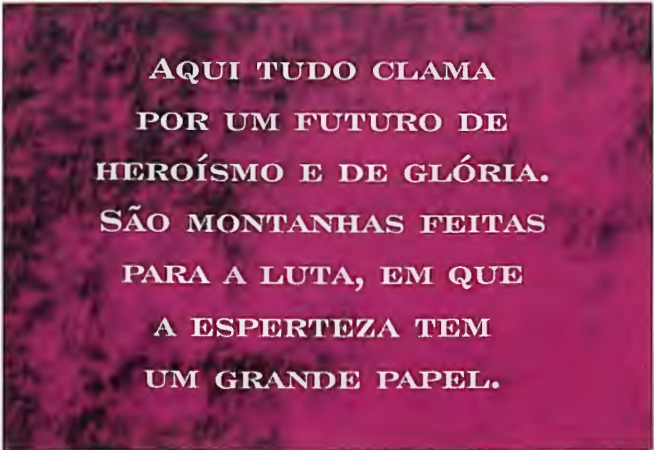


No traço inspirado de Belmonte,
um bandeirante "sonha" com as grandes navegações



Um Brasil de sonho

O BRASIL É UM *grande livro em branco onde a mão dos homens tem de escrever uma história de heroísmo.*



AQUI TUDO CLAMA
POR UM FUTURO DE
HEROÍSMO E DE GLÓRIA.
SÃO MONTANHAS FEITAS
PARA A LUTA, EM QUE
A ESPERTEZA TEM
UM GRANDE PAPEL.

Para facilitar nossa bondade, a Providência, em sua generosidade enorme, deu-nos sobras colossais.

Nossa bondade não é feita de habilidade, mas é vivida com habilidade. Este fato torna a habilidade, que facilmente toma ares maquiavélicos, simpática.

*Um povo só é grande quando vira
seus defeitos nativos pelo avesso.*

*Nossos defeitos nativos, ou são leva-
dos na chibata, ou nos põem debaixo
da chibata.*

**A FORÇA DE CONQUISTA
DO BRASIL É A BONDADE.**

**MAS SE A BONDADE
FICAR SÓ EM DOÇURA,
DÁ EM PODRIDÃO.**

*Nosso povo ágil, intuitivo, sumamen-
te afeito a acompanhar os vais-e-vens
políticos, decifra num só lance de
olhos toda uma narração histórica
emaranhada, desde que o fio
condutor dos fatos lhe seja
posto ao alcance.*

*O jeitinho é a saída que
a intuição apresenta
para as situações complicadas¹¹.*

**QUEREMOS UM BRASIL
VERDADEIRAMENTE BRASILEIRO?
FAÇAMOS DELE UM BRASIL
VERDADEIRAMENTE CATÓLICO.
QUEREMOS MATAR A
PRÓPRIA ALMA DO BRASIL?
ARRANQUEMOS A SUA FÉ.**



Um passado banhado em sonho...

A PALAVRA TRADIÇÃO *evoca reminiscências brasileiras de tempos mais remotos.*



*Assim, os
patriarcais
casarões
de fazendas
com seus
terreiros,
suas
palmeiras e
as senzalas
próximas.*

*Ou a
Quinta
da
Boa
Vista.*





Dom Pedro II. Embaixo:
Salvador, Bahia - Porto
dos saveiros

*As barbas brancas
de Dom Pedro II
e o sorriso afável
de Da. Tereza
Cristina.*

*E ainda o Rio pláci-
do e galhofeiro da
I República, bem
como a São Paulo
aristocrática e
circumspecta, fami-
liar e divertida da
alta do café.*

*Tudo isso sem esquecer a Bahia vivaz
e indolente, gulosa e musical, que
ostentava, mais ou menos numa mes-
ma quadra, as galas antigas dos tem-
pos dos
Governadores
Gerais e as
fulgurações,
então ainda
recentes, da
nomeada de
Rui Barbosa.*





O Aleijadinho
Profeta Daniel

E a Minas incomparável do Aleijadinho, cuja expressão máxima são, a meu ver, os profetas majestosos e coléricos da escadaria de Congonhas do Campo.

...pressagiando um futuro de sonho

TEMPO HOUVE *em que a História do mundo se pôde intitular “Gesta Dei per francos”¹². Dia virá em que se escreverá “gesta Dei per brasilienses”*.

O BRASIL É,
DIGAMOS ASSIM,
O PRÍNCIPE HERDEIRO
DO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

A missão providencial do Brasil consiste em crescer dentro de suas próprias fronteiras, em desdobrar aqui os esplendores de uma civilização genuinamente católica, apostólica, romana, e iluminar amorosamente todo o mundo com o facho dessa grande luz que será verdadeiramente o “lumen Christi”¹³ que a Igreja irradia.



O Aleijadinho - Profeta Joel

Se algum dia o Brasil for grande, sê-lo-á para o bem do mundo inteiro.

**O BRASIL NÃO SERÁ GRANDE
PELA CONQUISTA, MAS PELA FÉ;
NÃO SERÁ RICO PELO DINHEIRO
TANTO QUANTO PELA
GENEROSIDADE.**

Nossa grande aliança

AOS POVOS IBERO-AMERICANOS
*não interessa constituir-se num todo¹⁴
para devorar outras partes do mundo.
O que temos nos basta largamente.
Não precisamos meter a mão no bolso
dos outros para conservar nosso atual
padrão de vida, nem para o melhorar.*

*Além do mais, não no-lo consentiria
nossa formação genuinamente cristã.*

*Temos brio. Em nossas veias corre o
sangue latino, revigorado em sua
pugnacidade pelas nobres tradições
ibéricas da Reconquista, bem como
pela epopéia do desbravamento e
povoamento das vastidões em que
hoje vivemos soberanos.*

*Somos católicos, e como tais resolvi-
dos a enfrentar as peripécias da Histó-
ria com o que Camões chamava “Cris-
tãos atrevimentos”¹⁵.*



**DEVEMOS FORMAR UMA FAMÍLIA,
DE NAÇÕES ESTRUTURADA POR
FIRMES ALIANÇAS DE LEGÍTIMA
DEFESA, CONTRA QUANTOS QUEI-
RAM NOS DIVIDIR, ATIRAR-NOS
UNS CONTRA OS OUTROS.**

*É tudo questão, para nós, de tino
e jeito: qualidades em que é rico o
gênio latino!*

TODOS OS POVOS LATINOS
DESTE CONTINENTE FORMAM
UMA SÓ FAMÍLIA, UNIDA PELA FÉ,
PELA TRADIÇÃO, PELA RAÇA E
PELA COMUNIDADE DE
UMA MESMA MISSÃO HISTÓRICA.

Duas jóias da cultura hispano-americana, entre muitas outras: ABAIXO: **Grande salão de um solar colonial em Sucre (Bolívia)**; PÁGINA AO LADO: **Salão da Casa Aliaga, no centro histórico de Lima (Peru)**



O sonho é uma alta forma de discernimento

NA HUMANIDADE HÁ *os que não sonham, há os que ingurgitam falsos sonhos e há os que sonham o bem.*

NÃO SE PODE
DIZER QUE O SONHO SEJA
MERA IMAGINAÇÃO.
O SONHO É UM ALTO
DISCERNIMENTO DA VERDADE
PELO QUE ELA TEM DE MAIS
RAZOÁVEL, DE MAIS SANTO
E DE MAIS BELO.

*O homem que sonha sem confiança,
ou sonha coisas que a Providência não
deseja, é um tonto.*

*Mas o homem que tem pressentimen-
tos do que a Providência deseja, e
sonha aquilo que pela oração espera
poder conseguir, esse pode ser um
Varão de Deus.*

Sonhar é uma arte ...

O CÉU É A PLENA *realização do sonho do homem.*

*Expressar em termos de arte
um sonho é uma das
mais altas formas de pensar.*

É PRECISO SABER
SONHAR REALIDADES¹⁶.

*A aparente inviabilidade dos mais
ousados e extremos sonhos apostóli-
cos¹⁷ não impedirá uma verdadeira
ressurreição, se Deus tiver pena do
mundo, e o mundo corresponder à
graça de Deus.*

Sonhar é Desejar

OU SE SONHA, *ou não se vive.*

A grande atmosfera de sonho prepara a alma para a fé. Depois de a alma com fé receber esta preparação, ela voa de dentro da fé para a santidade.

Assim se procura o Absoluto. Assim não se é cego de Deus.*

A OPINIÃO PÚBLICA SADIA
NÃO É SONHADORA NO SENTIDO
DE FABRICANTE DE UTOPIAS
NEM DE QUIMERAS; MAS
PORQUE ASPIRA ÀS
REALIDADES MAIS ALTAS
E SUBORDINA A ESTAS
AS MAIS BAIXAS, E AS QUER
TODAS EXCELENTES,
VERDADEIRÍSSIMAS,
MAGNÍFICAS, LINDÍSSIMAS.



O Aleijadinho
**Profeta Daniel, que um anjo chamou de
"homem cheio de desejos"**

Os varões de desejos¹⁸ ao longo da História constituem uma opinião coletiva desde que, por pouco que seja, se encontrem. Eu quase diria que eles se sentem uns aos outros mesmo quando não se conhecem.

Pode-se, e deve-se, sonhar com a batalha, sonhar com a dor, sonhar com a luta, sonhar com o holocausto, como o que dá significado a uma vida. É o que dá à vida o seu tonus.

**O SONHO É QUE
AJUSTA AS COGITAÇÕES E
AS VIAS DO HOMEM.**

Deus diz, na Sagrada Escritura: “Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos”¹⁹. As aspirações profundas dos homens não eram as dEle. Daí as vias e as cogitações não serem as mesmas.

A oblação, para a alma reta, é um sonho, e o sacrifício não é um pesadelo.

NOTAS

1. Como ficará mais claro com o desenvolvimento da temática do presente livro, sonho aqui não é devaneio, ou plano feito nas nuvens. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira sabia magnificamente conciliar a realidade com o sonho. Para o ilustre líder católico, como se verá, “sonhar é desejar”. Mas desejar concreta e meticulosamente, dentro da realidade e sem romantismo.

2. Não há aqui uma referência a alguma cidade em particular, mas ao conceito de civitas, isto é, a sociedade.

3. *Felix culpa*: trata-se de uma expressão de Santo Agostinho, recolhida no Precônio Pascal, que é proferido pela Igreja no Sábado Santo. O grande santo e pensador considera o pecado original uma feliz culpa, pois, sem ela, Nosso Senhor Jesus Cristo não se teria encarnado nem remido o gênero humano.

4. *Pailleté*: Tecido com pequenas incrustações ou felpas douradas, originariamente à maneira de pedacinhos de palha (*paille* em francês), depois com formatos variados. Ver foto da p. 26.

5. A respeito desse assunto, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira apresenta o seguinte esclarecimento: “Entretanto, nem por isso deixa o católico de compreender que, como tão bem ensina a parábola do joio e do trigo (cf. Mat. 13, 24-30), o erro, o mal e, em consequência, a dor, embora possam ser circunscritos, não são extirpáveis deste

mundo. Esta vida tem um fundamental sentido de prova, de luta e de expiação, que o fiel sabe ser conforme a altíssimos desígnios da sabedoria, justiça e bondade de Deus. O fim último do homem — sua felicidade gloriosa, completa e perene — só está no Céu”. Assim, marca o insigne líder católico sua total aversão ao milenarismo.

6. Esse pensamento não carrega consigo nenhuma conotação de milenarismo, doutrina condenada pela Igreja, a que o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira era profundamente infenso. Ver nota mais acima, neste mesmo capítulo.

7. Ver notas precedentes.

8. *Patois*, do francês. Algaravia, confusão de vozes. Idioma corrompido que se fala em certas regiões da França.

9. No sentido de alto desígnio, vivo desejo, lucida intuição do que a História lhe reserva.

10. *Éssor*: do francês. Vôo, arrojo, impulso.

11. Contrariando o modismo de atacar, até por meio de livros, o internacionalmente famoso jeitinho brasileiro, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira considera o jeitinho uma riqueza do Brasil, que, como qualquer outra qualidade, está sujeita ao mau uso inerente ao procedimento humano. Para ele, o jeitinho complementa a força, como a virtude da Prudência complementa a da Fortaleza. Clemenceau, Braudel e Charles Morazé, o conselheiro especial de De Gaulle, entre outros, exaltaram a agilidade mental do brasileiro. Este último celebra "a

rapidez, a simplicidade e o humor com que os brasileiros apreendem as noções, adaptam-nas à realidade nacional, transformam as coisas, fazem em apenas 15 anos obras inacreditáveis como, por exemplo, a construção de Londrina com seu incontido efeito de arrasto no desenvolvimento do Paraná. A seu ver, "na Europa um tal empreendimento levaria quatro séculos" (*Jornal da Tarde*, São Paulo, 7-8-99).

12. *Gesta Dei per francos*: do latim. A epopéia de Deus feita por meio dos franceses.

13. *Lumen Christi*: do latim. Luz de Jesus Cristo.

14. Escrito muito antes que se começasse a falar em Mercosul.

15. "Mas, entanto que cegos e sedentos / andais de vosso sangue, ó gente insana / não faltaram Cristãos atrevimentos / nesta pequena casa Lusitana" (Camões, *Os Lusíadas*, VII, 14).

16. Por exemplo, a Idade Média foi o sonho da Igreja das catacumbas. Realizado — infelizmente — apenas em parte.

17. Sonhos apostólicos: sonhos de conquista de almas para a Religião.

18. Referência ao Profeta Daniel, a quem um anjo chamou de "homem de desejos" (Dan., X, 19).

19. Is. 55, 8.

*Oh! Santa simplicidade,
candor dos antigos tempos,
ternura ingênua dos dias de outrora,
não retornarás jamais?*

*Devemos crer que estás extinta,
morta para sempre?*

*E se é verdade que os séculos são
para a História do mundo o que são os
anos para a vida do homem, não
retonarás, ó doce primavera da Fé, para
rejuvenescer o mundo e nossos corações?*

*(Charles de Montalembert,
1810-1870).*

UM PESADELO
MUITO REAL



O homem abandona o "sonho"

*O homem foi deixando o sonho¹
como um filho abandona a casa
paterna¹.*

*Na Revolução Francesa o mundo do
sonho foi afastado, como se empurra água
com rodo, e se fez a ordem de coisas atual,
sem sonho.*

A máquina expulsa o Direito e o pensamento

*O século XX é a expressão de um
mundo que tomou por ideal não o
Direito, como Roma, nem a
Filosofia, como a Grécia, e muito menos
a Teologia, como o século XIII, mas a
máquina, ou seja, a matéria.*

*O progresso material só é um bem quan-
do acompanhado harmonicamente pelo
progresso da moral.*

A Contra-Revolução não pactua com o tecnicismo hipertrofiado de hoje, com a adoração das novidades, das velocidades e das máquinas, nem com a deplorável tendência a organizar “more mechanico”² a sociedade humana.*

Pela mecanização, o homem se torna um apêndice da máquina; ele tem de produzir na velocidade desta, e se define como o homem que deixou de sonhar.

A tecnociência substitui o sonho e suprime as pátrias

Um mundo em cujo seio as pátrias unificadas numa República Universal³ não sejam senão denominações geográficas, um mundo sem desigualdades sociais nem econômicas, dirigido pela ciência e pela técnica, pela propaganda e pela psicologia, para realizar, sem o sobrenatural, a felicidade definitiva do homem: eis a utopia para a qual a Revolução nos vai encaminhando.*





Nesse mundo, a Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo nada tem a fazer. Pois o homem terá superado o mal pela ciência e terá transformado a terra em um “céu” tecnicamente delicioso. E pelo prolongamento indefinido da vida esperará vencer um dia a morte⁴.

Querem fazer dos países, que outrora constituíam a Cristandade, cadáveres de nações jogadas na vala comum da Federação Européia. É através das burocracias que o Estado anônimo, por meio de servidores também anônimos (para não esquecer as grandes sociedades anônimas macropublicitárias), inspira, propulsiona e manda na Nação.

E assim, ébrio de sonhos de República Universal, de supressão de toda autoridade eclesiástica ou civil e do próprio Estado, aí está o neobárbaro do século XX, produto mais recente e mais extremado do processo revolucionário.*

A vulgaridade campeia

É indisfarçável que está ganhando terreno uma tendência onímoda para a vulgaridade, para a extravagância delirante, e não raras vezes para o brutal e descarado triunfo do hediondo e do obsceno.

O desaparecimento rápido das fórmulas de cortesia só pode ter como ponto final a simplicidade absoluta (para empregar só esse qualificativo) do trato tribal.

A democratização geral dos costumes e dos estilos de vida, levada aos extremos de uma vulgaridade sistemática e crescente, e a ação proletarizante de certa arte moderna, contribuíram para o triunfo do igualitarismo tanto ou mais do que a implantação de certas leis, ou de certas instituições essencialmente políticas.

A feiúra avança

A civilização moderna vai cada vez mais procurando se entrincheirar





atrás do feio, para poder viver calmamente dentro do feio enquanto feio, sem as “agressões”, as reações de repugnância que o Belo lhe provoca.

O lúbrico procura o feio para se entrincheirar dentro dele contra a possibilidade do Belo.

A Revolução quer erigir o feio em ordem habitual de todas as coisas, porque no feio ela realiza a grande negação, a grande contradição e a grande esperança do inferno.*

A moralidade estiola

Analizando-se a fundo a coleção de crises simultâneas que estão chovendo no Brasil, notar-se-á que noventa por cento do problema se reduzem a uma crise de caráter.

O mundo moderno está exposto a degradações que nem mesmo as tribos mais bárbaras da Antiguidade tiveram.

Num país em tese, no qual a maioria esmagadora não cumpre os Dez Mandamentos, caso se prendam cinco ladrões, na verdade

abrem-se cinco vagas, e para elas surgem cinquenta candidatos, isto é, cinquenta novos ladrões.

Mil processos de propaganda criam nas multidões um estado de alma em que, sem se afirmar diretamente que a moral não existe, faz-se abstração dela.

Toda a veneração devida à virtude é tributada a ídolos como o ouro, o trabalho, a eficiência, o êxito, a segurança, a saúde, a beleza física, a força muscular, o gozo dos sentidos, etc.

A razão e a ordem são desprezadas

A crescente ojeriza a tudo quanto é raciocinado, estruturado e metodizado só pode conduzir, em seus últimos paroxismos, à perpétua e fantasiosa vagabundagem da vida das selvas, alternada, também ela, com o desempenho instintivo e quase mecânico de algumas atividades absolutamente indispensáveis à vida.



O banco e a mídia usurpam a direção da sociedade

No mundo de hoje, não raras vezes [o banco e a mídia] possuem um poder nitidamente maior do que o da nobreza no século XIX, ou até anteriormente à Revolução Francesa.

E o que faz esta sarabanda informativa? Interessar? Atrair? Orientar?

— A meu ver, o mais das vezes causa acabrunhamento, superexcitação, e por fim tédio.

Sim, o tédio dentro da superexcitação; eis o estado de espírito que a plethora informativa cria em muitos e muitos de nossos contemporâneos.

Em suma, todos sabem de tudo, não entendem nada, alguns ficam com os nervos a tinir, e quase todos, à falta de melhor, bocejam.

Até que ponto a desordem dos fatos, já de si tão imensa e tão trágica, é ainda agravada

*pelo sensacionalismo trepidante dessa
superprodução informativa?
E, principalmente, a quem aproveita essa
superexcitação?*

*A calúnia ora ulula como 'um furacão, ora
agita discretos guizos como uma serpente;
ora, enfim, mente como uma brisa morna e
carregada de miasmas fatais.*

*Quase se pode aplicar a certa mídia, um dito
francês a respeito do mentiroso de primeira
marca que foi o pseudo-imperador Napoleão
III: quando fala, ele mente; quando se cala,
ele conspira.*

O esquerdismo disfarça mas não se rende

*Como fantasmas, vazios de cérebro,
de coração e de entranhas, os Parti-
dos Comunistas ainda se obstinam
em sobreviver por toda parte.*

*Os entrechoques de certos liberais
ingênuos ou retardados, com os
socialistas, são meros episódios*





superficiais do processo revolucionário, inócuos quiproquós que não perturbam a lógica profunda da Revolução.*

Esquerdismo no Brasil é coisa de clube rico e de sacristia.

Há um anticomunismo que é apenas feito para evitar os insucessos operacionais do comunismo. Mas há outro anticomunismo que é a eterna inimizade do sonho contra o pesadelo.

O caos se instala

O que está a resultar para o mundo, senão a exalação de uma confusão geral que promete a todo momento catástrofes iminentes, contraditórias entre si, que se desfazem no ar antes de se precipitarem sobre os mortais, e ao fazê-lo geram a perspectiva de novas catástrofes, ainda mais iminentes, ainda mais contraditórias? As quais quicá se evanesçam, por sua vez, para dar origem a novos monstros, ou quicá se convertam em realidades atrozês?

O que tem acontecido é colossal, mas tem o ar de que não aconteceu.

Tudo fica, tudo piora, tudo anda e nada se move.

A grande anarquia

Quando as certezas morrem, a atividade intelectual perde sua meta natural. E a modorra se apodera da opinião pública.

A ecologia é a religião deste século sem religião.

Os vários “eus” ou as pessoas individuais, com sua inteligência, sua vontade e sua sensibilidade, e conseqüentemente seus modos de ser, característicos e conflitantes, se fundem e se dissolvem na personalidade coletiva da tribo geradora de um pensar, de um querer, de um estilo de ser densamente comuns.

Ao pajé⁵ incumbe manter, num plano místico, esta vida psíquica coletiva, por meio de cultos



*totêmicos carregados de
“mensagens” confusas,
mas “ricas” dos fogos
fátuos ou até mesmo
das fulgurações pro-
venientes dos miste-
riosos mundos
da transpsico-
logia ou da
parapsicologia.
É pela aquisição
dessas “riquezas”
que o homem
compensaria a
atrofia
da razão.*

*A grande
anarquia, como uma
caveira de foice na
mão,
parece rir
sinistramente aos
homens,
da soleira
da porta de saída do
século XX, onde os
aguardá⁶.*



Todas as crises se resumem em uma: a crise do homem

As muitas crises que abalam o mundo hodierno — do Estado, da família, da economia, da cultura, etc. — não constituem senão múltiplos aspectos de uma só crise fundamental, que tem como campo de ação o próprio homem.



Em outros termos, essas crises têm sua raiz nos problemas de alma mais profundos, de onde se estendem para todos os aspectos da personalidade do homem contemporâneo e todas as suas atividades.

Essa crise é universal. Não há hoje povo que não esteja atingido por ela, em grau maior ou menor.

Essa crise é una. Isto é, não se trata de um conjunto de crises que se desenvolvem paralela e autonomamente em cada país, ligadas entre si por algumas analogias mais ou menos irrelevantes.

[Essa crise] é total. Considerada em dado país, essa crise se desenvolve numa zona de problemas tão profunda, que ela se prolonga ou se desdobra, pela própria ordem das coisas, em todas as potências da alma, em todos os campos da cultura, em todos os domínios, enfim, da ação do homem.

É dominante. Essa crise é como uma rainha a que todas as forças do caos servem como instrumentos eficientes e dóceis.

É processiva. Essa crise não é um fato espetacular e isolado. Ela constitui, pelo contrário, um processo crítico já cinco vezes secular, um longo sistema de causas e efeitos que, tendo nascido, em momento dado, com grande intensidade, nas zonas mais profundas da alma e da cultura do homem ocidental, vem produzindo, desde o século XV até nossos dias, sucessivas convulsões.

O nome da crise é: Revolução

[A causa principal de nossa presente situação é] impalpável, sutil, penetrante como se fosse uma poderosa e temível radioatividade. Todos lhe sentem os efeitos, mas poucos saberiam dizer-lhe o nome e a essência.

Este inimigo terrível tem um nome: ele se chama Revolução.*

Sua causa profunda é uma explosão de orgulho e sensualidade





que inspirou, não diríamos um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos.

Entre as paixões desordenadas, o orgulho e a sensualidade ocupam um lugar proeminente. Eles marcam o utopista com duas notas principais: o desejo de ser supremo em sua esfera, não aceitando sequer um Deus transcendente, e a tendência a uma plena liberdade na satisfação de todos os instintos e apetências desregradas.

[A Revolução é] a desordem e a ilegitimidade por excelência.

Os agentes do caos e da subversão fazem como o cientista, que em vez de agir por si só, estuda e põe em ação as forças, mil vezes mais poderosas, da natureza.

A Santa Igreja

Cuidado, leitor, cuidado. Não dê crédito a alguém só porque se diz católico. Estamos na época da hipocrisia, em que Satanás por vezes se faz sacristão, por vezes padre e...

prefiro não continuar. Para arrancar a fé da alma popular — pensava-se com razão no Kremlin — a mão brutal e estúpida do sem-Deus é incomparavelmente menos eficiente do que a mão ungida, macia, jeitosa, do mau bispo, do mau padre, da freira degradada.

Se a Passionária⁷ ou Ana Pauker⁸ tivessem tido a esperteza de se fazerem freiras, teriam sido incomparavelmente mais úteis ao comunismo do que no papel de viragos vermelhas.

No fundo, só mãos régias e sacerdotais poderiam derrubar a Cristandade Medieval. E foram elas que o fizeram.

Quando viu a História, antes de nossos dias, uma tentativa de demolição da Igreja, já não mais feita por um adversário, mas qualificada de autodemolição” em altíssimo pronunciamento de repercussão mundial?⁹

Depois de caluniarem a Igreja do passado, os progressistas querem desfigurar a Igreja do presente, transformando-a numa espécie de república espiritual populista.



Ruínas de Saint-Jean-des-Vignes, em Soissons (França) - Esse trágico vazio onde havia um vitral multicolorido pode ser tomado como um símbolo da situação da Santa Igreja em nossos dias

A Igreja sonhada pelos progressistas não é a Igreja em nova fase. Ela não passa de uma anti-Igreja.

Se há uma Igreja de hoje em dia distinta da Igreja de sempre, ela não é a Igreja de sempre, pura e simplesmente.

Estamos nos lances supremos de uma luta — que chamaríamos de morte se um dos contendores não fosse imortal — entre a Igreja e a Revolução.*

Como a Igreja Católica não é mortal¹⁰, qual o maior crime que se poderia cometer contra Ela? Seria o de dar a impressão de que Ela morreu.

Ela se põe perto de nós nesse horror e nesse esplendor. E é nesse horroroso esplendor, nesse esplendoroso horror, que

*Ela se põe diante de nós, desejosa de que A
conheçamos, saibamos como é a alma d'Ela,
a amemos como verdadeiramente Ela é.*

*Quantos são os que vivem, em união com
a Igreja, este momento que é trágico como
trágica foi a Paixão, este momento em que
uma humanidade inteira está escolhendo
por Cristo ou contra Cristo?*

*Oh! derrota do Deus invencível, eu te
sigo, eu me dou inteiramente a ti¹¹!*

*Na hora em que o absurdo torna-se explo-
sivo, rasga-se a abóbada do céu e descem
milhões de anjos.*

REÚNAM-SE EM TORNO DE NÓS
COMO SE REÚNE UMA NUVEM ÁUREA;

ASSIM COMO AS CHAMAS DE UMA
LAREIRA TENDEM A SE REUNIR TODAS
PARA FORMAR UMA SÓ LABAREDA,

ASSIM REÚNAM-SE OS ANJOS,
À VISTA DE DEUS E DE MARIA¹².

NOTAS

1. A respeito do sentido de "sonho", ver as explicitações do capítulo anterior. - *Casa paterna*: há aqui uma alusão à parábola do filho pródigo, do Evangelho (Lc XV, 11 ss.).

2. "*More mechanico*": do latim. À maneira de máquina.

3. Cabe aos psicólogos explicar por que a expressão "República Universal" até hoje provoca certo arrepio na opinião pública, enquanto o termo "globalização", que lhe é tão próximo, encontra guarida mesmo entre espíritos atentos.

4. Como explica o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira em uma de suas obras mais traduzidas e mais célebres, *Baldeação ideológica inadvertida e Diálogo*, o utopista, "alheio à luz da fé, considera o erro, o mal e a dor como contingências absurdas da existência humana, que o indignam. É natural ao homem revoltar-se contra esta tríade de adversários, pensa ele. E, como o utopista não toma em consideração a existência de outra vida, é levado a julgar evidente, forçoso, indiscutível que se pode acabar por eliminar a dor, o mal e o erro. Pois do contrário deveria admitir que a própria ordem do ser é absurda. Nisto está essencialmente o fundamento de sua utopia. É explicável que para o utopista a vida não possa ter normalmente um sentido legítimo de luta, de prova e de expiação, mas só de paz macia e regalada. Ele é, assim, e por definição, pacifista à *outrance*, ultra-ecumênico, ultra-irênico. E nenhum de seus sonhos teria coerência interna, nenhum seria capaz de o satisfazer inteiramente, se não incluísse a supressão de todas as lutas e de todas as controvérsias". Como se vê, o sonho do utopista se opõe diametralmente ao sonho católico (Cap. IV, 2, J).

5. Hoje talvez se dissesse "aos gurus", em sentido próprio ou estendido. Mas a realidade é fundamentalmente a mesma.

6. Até aqui foi apresentada a crise do homem moderno apenas em pinceladas muito gerais e, obviamente, sem de modo algum pretender esgotar o assunto. A seguir há alguns traços do célebre ensaio de Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra-Revolução*. No fim deste volume encontrará o leitor um breve resumo desta famosa obra, indispensável para compreender a crise contemporânea, já publicada em francês, inglês, espanhol, italiano, alemão, romeno e polonês.

7. Nascida em 1895, Dolores Ibarruri, "La Pasionaria", líder comunista e anticlerical, fez parte da Frente Popular que disputou as eleições espanholas em 16-2-1936. Famosa por sua sanha vermelha e sua crueldade.

8. Anna Pauker (nasc. 1897) assumiu em 1947 o Ministério das Relações Exteriores da Romênia. No mesmo ano o Rei Michel abdicou. A Romênia tornou-se comunista.

9. Cfr. Alocução de Paulo VI ao Seminário Lombardo, em 7/12/1968.

10. "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt. XVI, 18). Ver também Mt. XVIII, 20 e Jo. XVI, 16-17).

11. Essa grandiosa e tocante apóstrofe foi feita com naturalidade no decorrer de uma conferência. Um grito do fundo da alma de um homem cuja vida foi um tecido de derrotas e vitórias. Ante o paradoxo representado por uma derrota de Deus, é preciso crer na vitória final, pois Nosso Senhor é invencível.

12. De um texto de Plínio Corrêa de Oliveira, intitulado "Apelo aos anjos".

**Quem
ama,
detesta.
Quem
detesta,
luta
(Provérbio
espanhol)**

A REAÇÃO

UMA CAVALARIA SEM CAVALOS





O Aleijadinho - Jeremias Profeta

Lutar, é preciso

DEVEMOS REAGIR, *sob pena de sermos julgados um dia pela História, com a severidade com que esta julga hoje a indolência dos romanos vendo as legiões de bárbaros invadirem o Império...*

EM NOSSOS DIAS,
NÃO BASTA MAIS A CORAGEM
DOS TEMPOS DE PAZ. RESTA-NOS
ESCOLHER ENTRE SER UM HERÓI
OU UM COVARDE.

*Nossa época é de fogo e de lama.
Quem não arde como o fogo, é abjeto
como a lama.*

*Eu prefiro ser demolido por aquilo
que não suporto, a suportar aquilo
que quereria demolir.*

*Duro? É. Graças suficientes? Há. A obra
é muito boa. Logo: coragem!*

*Hoje, mais do que nunca, a forma
mais pesada de cruz é a espada¹.*

*Só são capa-
zes de ternura,
os homens
capazes de
extremos de
combatividade.*



Lutar é viver!

VOZ DE CRISTO, *voz misteriosa da Graça, Vós dizeis em nossos corações palavras de batalha e de vitória².*

*A combatividade é uma
forma de amor.*

O Céu, lugar de paz, foi o maior campo de batalha da História³.

**DEUS AMA O HEROÍSMO!
A TODOS OS SEUS AMIGOS,
UM DIA OU OUTRO, ELE
CONCEDE A GRAÇA
DE SEREM HERÓIS.**

Uma Cavalaria sem cavalos e sem armas

A LUTA DO ESPÍRITO e as realizações do espírito são ainda mais intensas que as outras lutas.

CAVALEIRO É O HOMEM
QUE PASSA PELO CAMINHO
TERRÍVEL DO SACRIFÍCIO
POR UM FIM SUPERIOR.

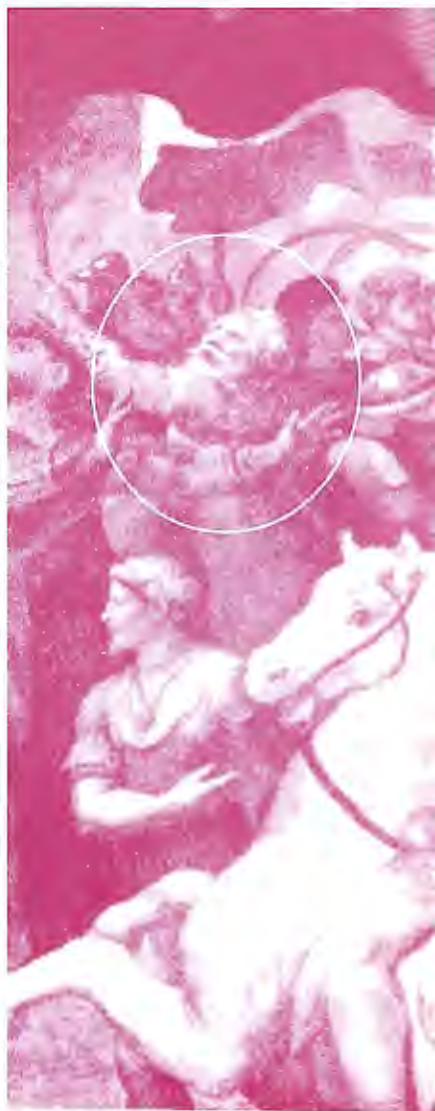
Neste vale de lágrimas, a alegria é a véspera do dia da luta; a luta é a véspera do dia da glória.

Mas o dia da glória não teria glória se a luta não tivesse dores, não tivesse dificuldades, não tivesse tristezas.

A mais violenta, a mais absorvente de todas as ações, aquela que se opõe mais diretamente à preguiça, não é o trabalho, é a luta.



Rafael - o Papa São Leão Magno detém Átila e suas tropas às portas de Roma (detalhes). O poder espiritual suplanta a força das armas, a personalidade de um Santo leva de vencida a de um bárbaro pagão. Quando se fala em luta, no presente volume, deve-se entender a pugna incruenta e absolutamente legal que se trava em prol das boas idéias, através do poder dos argumentos e da força da personalidade. Como a que se vê nesta imagem



LUTAR É
VIVER EM INTENSIDADE.

O HOMEM QUE NÃO LUTA É UM INFELIZ.
QUANDO NÃO SE LUTA OU NÃO SE
SOFRE, SOBRAM ALGUMAS ENERGIAS.
ISTO PROVOCA UMA FRUSTRAÇÃO QUE
É PIOR QUE O SOFRIMENTO.



1989, Pequim - Nos dias da mais terrível e famosa repressão comunista dos últimos tempos, um jovem, com sua ação de presença, consegue deter uma coluna de tanques prontos para matar. Bom exemplo do tipo de combatividade preconizado neste livro, que se baseia na força da alma e não das armas

Revolução tendencial, a nova guerra

A CONTRA-REVOLUÇÃO* *não é nem pode ser um movimento nas nuvens, que combata fantasmas.*

Ela tem de ser a Contra-Revolução do século XX, feita*

-- contra a Revolução como hoje em concreto esta existe e, pois, contra as paixões revolucionárias como hoje crepitam;*

-- contra as idéias revolucionárias como hoje se formulam, os ambientes revolucionários* como hoje se apresentam, a arte e a cultura revolucionárias* como hoje são;*

-- contra as correntes e os homens que, em qualquer nível, são atualmente os fautores mais ativos da Revolução.*

[É preciso] antes de tudo, acentuar a preponderante importância que (...) cabe à Revolução nas tendências.*

Essas tendências desordenadas, que por sua própria natureza lutam por realizar-se, já não se conformando com toda uma ordem de coisas que lhes é contrária, começam por modificar as mentalidades, os modos de ser, as expressões artísticas e os costumes, sem desde logo tocar de modo direto —habitualmente, pelo menos — nas idéias.

DESSAS CAMADAS PROFUNDAS,
A CRISE PASSA PARA O TERRENO
IDEOLÓGICO. COM EFEITO
— COMO PAUL BOURGET
PÔS EM EVIDÊNCIA EM
SUA CÉLEBRE OBRA “LE DÉMON
DU MIDI”— “CUMPRE VIVER
COMO SE PENSA, SOB PENA DE,
MAIS CEDO OU MAIS TARDE,
ACABAR POR PENSAR
COMO SE VIVEU”⁴.

Assim, inspiradas pelo desregramento das tendências profundas, doutrinas novas eclodem.

Essa transformação das idéias estende-se, por sua vez, ao terreno dos fatos, onde passa a operar, por meios cruentos ou incruentos, a transformação das instituições, das leis e dos costumes.



Paris, 1968
Cena da revolução
da Sorbonne: a
"revolução cultural"
desafia o Estado



A revolução cultural

A GUERRA PSICOLÓGICA *pode ser muito sumariamente definida como um conjunto de operações psicológicas destinadas a atuar sobre o ânimo do adversário, de sorte a levá-lo à capitulação antes mesmo que qualquer operação o tenha derrotado pela força.*

**ELA ASSEGURA AO ATACANTE
AS VANTAGENS DA VITÓRIA,
SEM OS ESFORÇOS, OS CUSTOS
E OS RISCOS DA GUERRA.**

Não se pense, aliás, que a guerra psicológica exclui inteiramente o emprego da força. Pois a intimidação do adversário faz parte de tal guerra, e certas operações de força ("invasões de terras", sabotagens, atentados, seqüestros, motins, etc.) podem intimidar e levar à capitulação a classe social que se queira derrubar.

A guerra psicológica visa a psique toda do homem, isto é, “trabalha-o” nas várias potências de sua alma, e em todas as fibras de sua mentalidade.

Como uma modalidade de guerra psicológica revolucionária, a partir da rebelião estudantil da Sorbonne, em maio de 1968, numerosos autores socialistas e marxistas em geral passaram a reconhecer a necessidade de uma forma de revolução prévia às transformações políticas e sócio-econômicas, que operasse na vida cotidiana, nos costumes, nas mentalidades, nos modos de ser, de sentir e de viver. É a chamada “revolução cultural”.



O referido conceito de “revolução cultural” abarca, com impressionante analogia, o mesmo campo já designado por Revolução e Contra-Revolução, em 1959, como próprio da Revolução nas tendências⁵.*

A chave da Contra-Revolução tendencial não consiste tanto em entrar nas tendências más, e dirigir contra elas uma guerrilha, quanto em conhecer as tendências boas, estimulá-las e favorecê-las.*

Paris, 1968
Os estilingues da
revolução cultural
colocam em xeque
as instituições, o Estado
e a força policial



A Revolução cultural é uma verdadeira guerra de conquista — psicológica, sim, mas total — visando o homem todo, e todos os homens em todos os países.

Um novo Aquiles, um novo Roland

A ANTIGUIDADE *toda viveu do mito de Aquiles, uma figura imaginária. A Idade Média viveu em função da figura ideal do cavaleiro, que se personificava em Roland.*

Agora, trata-se de explicitar o novo Roland. Isto é mais obra de arte do que erigir uma catedral.

O Roland ideal seria a soma do cavaleiro da Idade Média com o que veio depois.

O pulchrum de um ideal se reflete na alma de quem por ele luta. Em todos os momentos de sua vida, Santa Joana d'Arc irradiava luz. Mesmo no momento trágico em que as chamas da fogueira começaram a lamber o lenho onde estava amarrada, ela luzia mais que as próprias chamas. Para a piedade deformada, o princípio moral é estudado no compêndio, mas não tem símbolo. Não há um Aquiles, os santos não são os Rolands da Lei de Deus. E nem é necessário.*

O melhor símbolo das convicções de um homem é o próprio homem.

Audacioso até ao incrível, quando for a hora da audácia, — prudente até ao unimaginável, quando for a hora da prudência, — bom até ao inexcogitável, quando for a hora do perdão, — severo até o espantoso, quando for a hora do castigo, — confiante a ponto de desarmar os outros de tão confiante, quando se trata de confiar nAquele que merece uma confiança inteira, e em relação à qual até Deus, cujo olhar sonda os rins e os corações dos homens, teve um comprazimento tão irrestrito que chegou ao ponto de nEla se encarnar para habitar entre nós, — esse deve ser o novo cavaleiro.



**COMO SERÁ O NOVO
ROLAND, O CAVALEIRO
SEM CAVALOS DO TERCEIRO
MILÊNIO? — PARA RESPONDER,
NOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS SE
PERCORRERÁ UMA PEQUENA GALERIA
DE TIPOS GUERREIROS DE
DIVERSAS ERAS E CULTURAS,
COMEÇANDO POR ANALISAR
AS RELAÇÕES ENTRE
INOCÊNCIA E HEROÍSMO**

NOTAS

1. Com efeito, a espada tem uma forma que lembra a cruz. E, muitas vezes, é preciso ter mais generosidade para encarar a luta do que, por exemplo, para aceitar passivamente uma doença.

2. Paráfrase do trecho inicial de *O Livro da Confiança*, do Pe. Thomas de Saint-Laurent, muito apreciado pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira: “Voz de Cristo, voz misteriosa da graça que ressoais no silêncio dos corações, Vós murmurais no fundo das nossas consciências palavras de doçura e de paz”.

3. Há aqui uma referência ao “magno prélio” travado entre os anjos bons e os demônios (Apoc., cap. XII). Segundo a doutrina católica, após a criação dos anjos, Deus os submeteu a uma prova. Em consequência, parte muito

significativa deles se rebelou, tendo sido escorraçada do céu por São Miguel, o “arqui-estrategista”, secundado pela maioria dos anjos, que permaneceu fiel.

4. Paul Bourget, *Le Démon de Midi*, Librairie Plon, Paris, 1914, vol. II, p. 375.

5. Ver, pouco acima, o tópico “Revolução tendencial, a nova guerra”.

**Qual o membrudo e bárbaro gigante,
Do Rei Saul, com causa, tão temido,
Vendo o pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a Fé que a força humana,
Destarte o mouro pérfido despreza
O poder dos cristãos, e não entende
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o Inferno horrífico se rende.**

**Camões, Os Lusíadas
Canto Terceiro, 111-112.**

DA INOCÊNCIA NASCE A CAVALARIA





A rainha e o menino

(foto da rainha Elisabeth. da Inglaterra, nos anos 70)

Ouve-se ao longe um tropel de cavalos. Repentinamente, como numa aparição, surge a rainha, com seu nobre aparato, seu charme distinto, seu apelo histórico.

A cena é maravilhosa e absolutamente mítica. O menino, eletrizado, se ergue, e nesse momento a máquina fotográfica o colhe. Mas ele não está pensando nas fotos.

Um arrepio de emoção o percorre; a “visão” maravilhosa ocupa todos os seus espaços interiores. Ele já não pensa em si; sua alma mergulha noutra esfera, numa esfera maravilhosa, de um mundo ideal, nobre, sublime.

Um mundo real, mais real do que o volátil mundo meramente concreto. Mas de uma realidade que só os admirativos, só as almas com alma, enxergam. O menino viveu.

“A alma maravilhável é uma alma maravilhosa, capaz de fazer maravilhas”, diz o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira (*O Universo é uma Catedral*, p. 135).

Da admiração nasce o guerreiro autêntico. Plínio Corrêa de Oliveira explica como, nas próximas páginas..





NÃO SEI SE CONHECEM a descrição que Madame de Sevigné fez de um vestido da Grande Mademoiselle. Feito de tecido de ouro, bordado e rebordado de ouro e ainda ornado com certo ouro...o mais divino vestido que jamais se viu no mundo¹. A mentalidade do menino desta foto se descreve assim.

No Mercado de Roma, vendo escravos ingleses, o Papa São Leão Magno exclamou: “Non sunt angli, sed angeli”². Esse menino é um anjo. E numa civilização modelada por esse menino, caberiam canções de criança

de uma candura incomparável, que ele vai cantar até quando for grande. Com uma velhice florida como a de Carlos Magno.

Este menino é a matéria prima [do novo Roland]³.

O elemento essencial do brilho da personalidade desse menino é uma capacidade — se eu pudesse me exprimir assim — de ver tudo em dourado⁴.

Ele veria todas as coisas banhadas de uma espécie de luz, consistente no máximo de nobreza e máximo de esplendor que a palavra ouro aqui significa.

**É UMA CERTA FORMA DE
NOBREZA, UMA FORMA DE ES-
PLENDOR QUE O OURO, ENQUANTO
COR SUPREMA, REPRESENTA MAIS
DO QUE TODAS AS OUTRAS.**



Culminâncias douradas

ESTE DOURADO, *que é a cor na qual ele vê tudo⁵, não é a idéia de que tudo deve ser dourado, mas de que as culminâncias de todas as coisas devem ser douradas.*

Quer dizer, tudo deve chegar a um tal grau de nobreza, que atinja a respectiva culminância dourada.

Nesta culminância do dourado, as coisas recebem uma plenitude que se comunica, por sua vez, aos diversos graus inferiores.

Lealdade, coerência, lógica

ESSA POSIÇÃO *de alma [do menino de ouro] teria como corolário a necessidade de uma grande lealdade e de uma grande coerência. Pois só a lealdade é tão clara que sustenta a luz que há em seu espírito.*

Grande lealdade, grande coerência e, portanto, lógica. Isso marcaria o modo de ele governar, tratar com as pessoas, administrar, economizar, rezar, de ele se haver com Deus e de agir em tudo.



Ele seria uma espécie de campeão da manutenção da lealdade, da reciprocidade, da correção, anexa com a limpeza em todas as formas. Em consequência, casa limpa, palácio limpo, ruas limpas, pureza, costumes limpos, tudo visto à luz da lealdade, da lógica, que é a rosácea por onde entra a luz áurea em todas as coisas.

Seu pensamento seria muito impregnado da idéia de justiça, mas não de uma justiça egoísta e resmunguenta. A justiça do generoso, a que gosta de dar, de atribuir, até de fazer mais do que deve.

Magnânimo, acha que a maior das misericórdias não é fazer favores, é conferir direitos.

NOTAS

1. “Traje de ouro sobre ouro, rebordado de ouro e, por cima, ornado de um ouro mesclado com certo ouro, que resulta no mais divino tecido já imaginado: foram as fadas que fizeram em segredo esta peça” (De uma carta de Madame de Sévigné a Madame de Grignan, citada de memória pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira).

2. A tradução do latim para o português não apresenta o jogo de palavras que se pode notar no original: “Não são ingleses (anglos), mas anjos”.

3. Algum leitor poderá estranhar que um menino imberbe possa ser considerado a matéria-prima de um guerreiro. Mas para o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira o fundamento da combatividade é a admiração. “Sem entusiasmo não existe heroísmo”, costumava ele dizer. E sem admiração não existe entusiasmo.

4. Assim como São Gregório Magno viu figuras ideais nos escravos ingleses de Roma (ver nota acima), o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira idealiza a figura do menino, desdobrando os aspectos de sua personalidade consonantes com a atitude de suma admiração registrada pela fotografia. É o que fará mais adiante com a figura do beduíno.

5. As cores podem simbolizar estados de espírito. Assim, na linguagem corrente, costuma-se dizer que alguém vê tudo em preto, que as perspectivas são róseas, etc. O ouro aqui é a expressão de uma qualidade moral.

E, para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.

Camões, Os Lusíadas,
Canto Terceiro, 4.

PEQUENA GALERIA DE TIPOS GUERREIROS





O guerreiro "clássico"

O ARTISTA *nesta estatueta representou bem um aspecto do guerreiro que deve ser fundamentalmente religioso.*

Ademais, ele está inteiramente resolvido, inteiramente persuadido de que é legítimo e que é obrigação dele usar da força a serviço da Fé.

**ELE ESTÁ PERSUADIDO DA FÉ,
DE QUE DEVE USAR A FORÇA A
SERVIÇO DA FÉ E DE QUE DEVE
USAR O MÁXIMO DA FORÇA
DENTRO DAS REGRAS NOBRES,
MORALMENTE NOBRES
DA CAVALARIA.**

Ele está altamente imbuído da legitimidade dos meios que usa e se deu por inteiro à causa que abraçou. Ele vai até o fim e morre por isso.

Há portanto uma idéia de sacralidade, de renúncia, de determinação e, se se pudesse usar a expressão francesa, de “force de frappe”¹.*

A meu ver, há uma força de impacto verdadeiramente extraordinária, nesse guerreiro.

Para um general Ney² a guerra é apenas um estilo de luta. Na hora da luta ele é o bravo, enquanto, na vida civil, Ney é um sujeito qualquer. Mas para o guerreiro da foto, a guerra é um estilo de vida.

A sacralidade

AGRADA NESTE CAVALEIRO o tipo de sacralidade* que é o mais alto dos altos na matéria. Ele é sacra* como uma torre de catedral. A sacralidade* o leva às mais altas considerações do espírito, misturadas com muito bom senso e muito critério.

Um homem assim abnegado é um puro cavaleiro de ideal, vivendo numa espécie de atmosfera celeste, num azul puro, num verde puro, como se estivesse dentro de um cristal adamantino³.



A proeza

VMA COISA É *fazer uma proeza*
e outra é *ter o espírito de proeza.*



Quer dizer, é preciso conhecer e sentir o belo metafísico⁴ daquilo que se está fazendo.

Os cavaleiros medievais que fizeram a proeza não tiveram tanto a idéia de pulchrum da proeza, quanto teve o século da burguesia com saudades da proeza⁵.*

**O SIMPLES RISCO DE VIDA
NÃO CARACTERIZA A PROEZA.
É PRECISO QUE HAJA UMA
ESPÉCIE DE EUFORIA EM
SER BRAVO, QUE NÃO É
VAIDADE NEM MEGALOMANIA.
TRATA-SE DE UMA DAS
MAIS ALTAS POSIÇÕES
DA ALMA HUMANA.**

Essa proeza, que é quase pós-medieval, é uma das finas flores da Idade Média.

Os homens do século XIX souberam dizer, souberam cantar o que os medievais tinham e não cantaram. Não cantaram porque a tinham com uma naturalidade plena com o épico.



Elias, ou a grandeza bíblica

A FIGURA É majestosa e digna. É bem oriental, o gesto tem a ênfase e a pompa que podem caracterizar um profeta do Antigo Testamento.

Ao mesmo tempo um varão possante. A fisionomia dele lembra o Carlos Magno de Dürer, louro, claro, corado, o olhar fixo, penetrante.

Há uma coerência muito grande entre a expressão da fisionomia, a atitude do corpo e o gesto dos braços.

O braço segura a espada com firmeza, ele está até se apoiando sobre a espada, pronto para espadagar. O outro braço está em atitude de increpação. Ele está increpando ou os profetas de Baal, ou o povo que não é fiel.

NADA DE UM
LUTADOR PURAMENTE FÍSICO.

A CHAMA DO OLHAR,
A EXPRESSÃO POLÊMICA DE
TODA A FISIONOMIA, MARCAM
MUITO MAIS DO QUE
A MUSCULATURA E A
POSIÇÃO DO CORPO.

A ALMA EXPLICA A
COMBATIVIDADE DO CORPO.

A barba é espessa, abundante, bigode farto, em tudo a idéia do varão.

É uma imagem, se não perfeita, pelo menos das mais interessantes de Santo Elias.



O cavaleiro das Mil e uma Noites

O GUERREIRO DA FOTO é um guerreiro fabuloso, perfeitamente das "Mil e uma noites"⁶.

O beduíno, no dourado, perde tudo.

Vou dizer mais: o beduíno só pode ser visto num fundo branco-de-arrebentar do deserto, ou de negro noturno³.

A casa dele é o camelo e também o descanso dele é estar sentado nessa montaria.



*Ele está
relacionado
com esse
animal de tal
maneira que
no camelo
come, bebe,
dorme, pode
fazer qual-
quer coisa.*

*É um homem estavelmente posto
na aventura e em correr o risco
vertiginoso.*

**ELE VÊ PANORAMAS
SEMPRE NOVOS,
SEMPRE DIFERENTES
E FAZ PROEZAS QUE
SEMPRE SE RENOVAM TAMBÉM.**

Vm sedentário que não pára nunca

AO CONTRÁRIO *do que uma análise superficial poderia fazer imaginar, ele é um grande sedentário. Ele carrega dentro de si sua estabilidade, sua distância com relação às coisas.*

O ESPÍRITO DELE
HABITA NUMA REGIÃO
QUE FICA NOS CONFINS
ENTRE O TEMPO E
A ETERNIDADE.

Ele vive aquela situação em que a cada momento se faz uma coisa tão bela que a vida parece uma maravilha, ou tão arriscada que ameaça sumir.

Nessa fímbria ele habita, sem arrepio e sem medo.

A morte e a aventura

SÃO EXPRESSIVOS *o branco do deserto, e o negro da tez dele. O branco da vida éclatante⁷, de heroísmo em heroísmo, de aventura em aventura, e o negro da morte diante da qual ele pode afundar mas que é o adorno da vida.*

ELE ANDA DENTRO DO
BRANCO E PRETO NORMALMENTE,
À PROCURA DO RISCO, DAQUELA
FÍMBRIA, DAQUELA HORA
EM QUE A VIDA ATINGE
O SEU AUGÉ E AMEAÇA
PRECIPITAR-SE DENTRO
DO VÁCUO.

*Para os inimigos ele parece dizer:
"Você não tem razão nem quando diz
a verdade".*

A Verdade, o Bem e o Belo



ESSA posição
dele, constan-
temente entre a vida e a
morte, é uma posição metafísica* em
face do verum*, do pulchrum*
e do bonum*.

Eu a exprimiria da seguinte maneira:

*A vida em si é muito boa, na medida
em que esteja completamente voltada
para algo que não é ela e que ele não
sabe bem o que é.*

*A dignidade dela está nesse
holocausto⁸ contínuo.*



O cava- leiro do holocausto

ELE PODERIA
*ser chamado “o
cavaleiro do
holocausto”. A
contínua prepa-*

*ração para o holocausto daria, a meu
ver, a definição deste homem.*

*É uma raça feita para o holocausto,
nascida para o holocausto e que tira
toda a sua possibilidade de existir
do holocausto.*

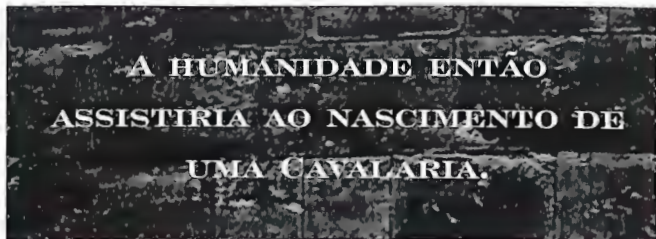
*Para compreender o Roland que existe
nesse homem, é preciso admitir que,
assim como existem na Igreja certas
ordens religiosas que fazem coisas
raríssimas que o comum das pessoas
não deve fazer, mas que devem existir
— o silêncio perpétuo, por exemplo
— assim também no mundo deve*

haver uns povos que são, por exemplo, simplesmente o holocausto, e que levam essa vida de frugalidade que é a do beduíno.

A pergunta errada seria: “O que se deveria fazer para tornar esse bérbere civilizado?”

Certamente a situação dele comportaria certos progressos. Mas não seria a entrada no contexto, naquilo que chamamos civilização tal qual é. Seria, nas fimbrias da civilização, manter um certo valor, sem o qual ele degenera.

Um missionário deveria dar a ele uma formação que, tirando o lado celerado, favorecesse o aspecto cavaleiresco, como soube fazer o missionário medieval com os bárbaros.





*A pregação
não deveria
consistir no
seguinte:*

— “Vocês
matam por
uma bagatela,
portanto dei-
xem de lutar”.

*Mas deveria
ser outra:*

— “A luta é bela. Não tendo uma verda-
deira causa, vocês encontram bagate-
las para guerrear. Compreendam que
toda essa ferocidade seria uma beleza
a serviço de outro ideal”.

O QUE SERIA UM POVO DESTES,
SE CONVERTIDO?

EU O IMAGINARIA GUERREIRO,
A SERVIÇO DE UM PAPA OU DE
UM IMPERADOR PARA O QUE
DESSE E VIESSE. UMA ESPÉCIE
DE LEGIÃO ESTRANGEIRA⁹.

As quintessências do beduíno

OS POVOS PEQUENOS, *pelo menos muitos deles, têm missões especiais e grandes quintessências.*

Sinto-me inteiramente eu, sabendo que há Bruges¹⁰ com seus canais, com suas flores, onde nunca nada se move. Tenho vontade de entrar num lugar onde nunca nada se mova e ficar parado ali. E me apetece ir para o deserto dos beduínos, tratar com essa gente e vê-la se mexer e fazer sua vida!

São os tais contrastes harmônicos do universo, nos quais me sinto sustentado na minha necessidade de plenitude, de polimorfia, de cores, de variedades, de lances, de movimento.

O JOGO HARMÔNICO
DESSAS UNILATERALIDADES
DÁ PLENITUDE À VIDA.

São Teodoro de Chartres

VEJAM COMO *São Teodoro de Chartres*¹¹ é uma pessoa forte, firme e muito benévola.

No espírito dele há uma transição entre os dois aspectos do guerreiro: ele é o homem da luta e o homem da benevolência, da bondade, que não exclui a luta, mas completa o lutador.



ELE É DOS TAIS
SANTOS DE FUNDO DE
POÇO¹², QUE PARA
ADORAR A DEUS
NÃO NECESSITAM
CONTEMPLAR
A BELEZA DO
UNIVERSO. MAS
O NOVO CAVALEIRO
DEVE TER VISTAS
PARA A ORDEM DO
UNIVERSO E SE
RELACIONAR
COM O QUE ESTÁ
EM TORNO DELE.

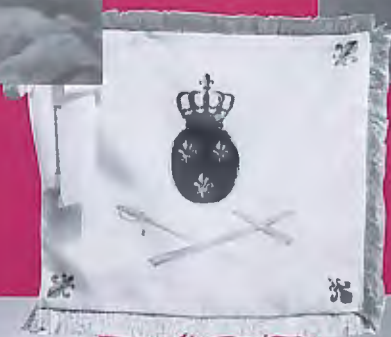
*São Teodoro, pelo contrário,
faz abstração de tudo o que
está em torno dele.*

*Não criticamos isso,
mas não é nossa escola.*



Godofredo de Bouillon (1058-1100), primeiro rei cristão de Jerusalém, recusou-se a usar uma coroa de ouro na mesma cidade onde Nosso Senhor tinha portado uma coroa de espinhos. Na gravura, do séc. XV, ele aparece ostentando os instrumentos da Paixão (ilustração extraída da obra de William C. Marmonti *Os Monges Guerreiros e as Milícias de Cristo* - Totalidade, São Paulo, 1995).

— Na página ao lado, os chefes da gloriosa insurrei-
ção vendeiana contra a Revolução Francesa. No
sentido horário La Rochejaquelein, Bonchamps,
Cathelineau e Charette Ao centro, a bandeira geral
do Exército Católico.





Luís Segura
Vilchi



VIVA CRISTO, REI!”. Tal era o brado que, nos anos 20, abria as portas do Céu e da glória eterna para muitos dos mártires durante a resistência católica no México.

Os mártires cristeros¹³, que participaram heroicamente de tal resistência, bradavam-no ao serem fuzilados pelo regime comunista, contra o qual lutavam: um regime tirânico, que fechou as igrejas, perseguiu a Religião católica e semeou a desgraça sobre a Nação amada por Nossa Senhora de Guadalupe.

Luís Segura Vilchi — o jovem que aparece nas duas fotografias — não foi submetido a um julgamento. Sem qualquer aviso prévio, foi ele retirado do cárcere para enfrentar o pelotão de fuzilamento. Esse jovem também deu aquele glorioso brado, quando foi alvejado pelos tiros de seus executores. Contra ele fora lançada a acusação de conspirar contra a vida do ímpio ditador Obregón.



Na primeira fotografia, vemos o prisioneiro caminhando para o local de sua execução, acompanhado por um sinistro funcionário do regime mexicano.

Está sereno como se atravessasse a nave de uma igreja após receber a Santa Comunhão, que lhe proporcionava o íntimo convívio

eucarístico com o Deus pelo Qual, dentro de alguns instantes, ele haveria de morrer.

Puro, varonil, nobremente senhor de si, bem vestido, distinto e visivelmente dotado de boa educação, este herói pode legitimamente ser considerado um modelo de jovem católico: sério, generoso, cheio de fé e de coragem.

Tranqüilo caminha para a morte o jovem Luís Segura Vilchi. O domínio de si impressionou as testemunhas, e chegou mesmo a comover o comandante e os soldados do pelotão de fuzilamento.

Como ter-lhe-ia sido fácil empregar suas muitas qualidades de forma egoísta, construindo para si um estilo de vida confortável, mediante uma bela carreira.

Bastava-lhe colaborar com o regime ateu, igualitário e marxista que jugulava então sua pátria ou, ao menos, a ele não se opor.

**CONTUDO, SUA CONSCIÊNCIA DE
CATÓLICO RECUSAVA-SE
ENERGICAMENTE A ISSO.**

Luís Vilchi se vinculara ao movimento cristero e, graças à sua vigorosa personalidade, a seu fervor e inteligência, logo se tornou um dos seus propulsores.

Testemunhas afirmaram que o jovem mártir só foi informado de sua iminente execução quando estava sendo retirado da sua cela.

Prontamente respondeu ele que seus assassinos o enviariam para o Céu.



**EM POSIÇÃO ERETA
E OLHANDO PARA O CÉU,
A 23-11-1927, VILCHI
ENFRENTOU COM FÉ E
CONFIANÇA DE MÁRTIR
AS BALAS ASSASSINAS.**



Hungria - 1956

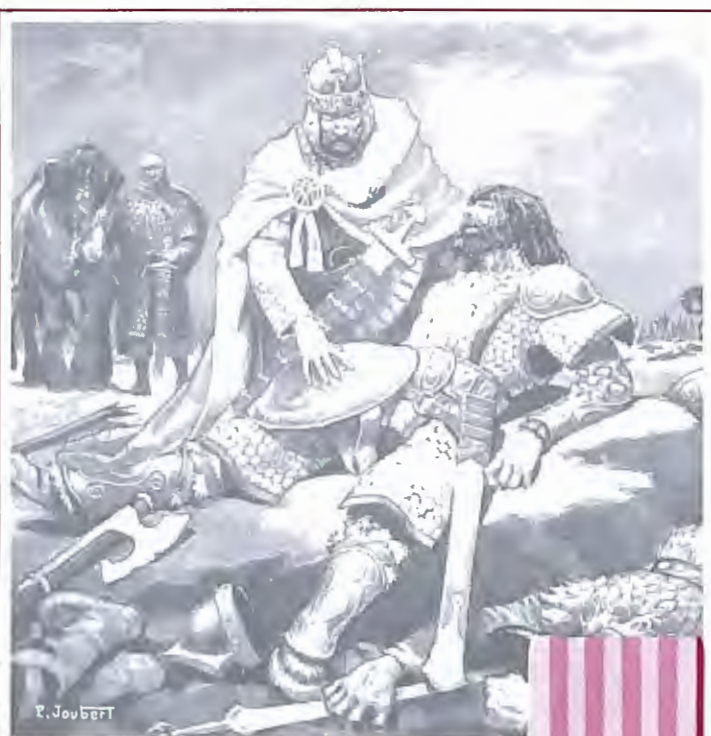
A população civil se levanta em armas contra os tiranos comunistas. Heróis anônimos se improvisam nas ruas, enfrentam e fazem recuar os tanques. A morte para eles já não é uma simples possibilidade, mas quase uma certeza.

Em seu palácio severamente castigado pelas balas, o Cardeal Joseph Mindszenty, herói entre os heróis húngaros, há pouco libertado, acaba de abençoar os fiéis em revolta contra o jugo vermelho e se recolhe.

Nobre porque cavaleiro, cavaleiro porque nobre

O *BONUM** DA GUERRA *justa*, a nobreza o fazia reluzir, juntamente com o *pulchrum**, na força de expressão do cerimonial bélico, no esplendor dos armamentos, no ajaezamento dos cavalos, etc.

A guerra era para o nobre um holocausto em prol da glorificação da Igreja, da livre difusão da Fé, do legítimo bem comum temporal. Holocausto em relação ao qual ele



O escudo do Rei de Aragão originalmente não tinha nenhum desenho. Os quatro traços vermelhos que hoje nele se vêem têm uma origem épica. Quando Geoffroy le Velu foi gravemente ferido numa batalha contra os normandos, o imperador o veio reconfortar, mergulhando no sangue os quatro dedos de sua destra e os escorregando sobre o escudo. Daí os traços que percorrem verticalmente a este (ilustração de P. Joubert).



Velázquez, **A Rendição de Breda** (1634 - Prado). Note-se a distinção de Justino de Nassau, o vencido que entrega as chaves da cidade, e o espírito nobre, cavalheiresco, cheio de simpatia e consideração do vencedor, o Marquês Ambrósio Spinola. “Elevação de alma, decorrente da fé, cortesia nascida da caridade, que faziam rutilar valores espirituais inestimáveis, num ato que inevitavelmente é rude e humilhante, como toda rendição” (Plínio Corrêa de Oliveira).

estava ordenado de modo análogo ao modo pelo qual os clérigos e religiosos estavam ordenados aos holocaustos morais inerentes ao respectivo estado¹⁴.

O bonum e o pulchrum* desse holocausto, os cavaleiros — que nem sempre, aliás, eram nobres — sentiam-no até ao fundo da alma. E nesse estado de espírito partiam para a guerra.*

A beleza de que cercavam as exterioridades da sua atividade militar estava longe de ser, para eles, um simples meio de seduzir e levar livremente consigo para a guerra os homens válidos da plebe. Isto não obstante, produzia concretamente sobre o espírito das populações este efeito.

Diga-se de passagem que, para os homens da plebe, não se conhecia um recrutamento compulsório, com a amplitude e a duração indefinida das mobilizações gerais dos nossos dias.



Sob alguns aspectos, pode-se dizer que a aviação foi a cavalaria do século XX. Foto: Em Lagoa Santa (MG), D. Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Família Imperial brasileira, e seu irmão D. Bertrand de Orleans e Bragança observam atentos o painel de comandos do avião Tucano, que lhes é mostrado pelo comandante da Base Aérea local, Cel. Marcus Vinicius Pinto Costa.

Bem entendido, muito mais do que essas brilhantes aparências, atuava sobre o público, naqueles séculos de Fé ardorosa, o ensinamento da Igreja.

Este não deixava dúvidas sobre o fato de que, mais do que simplesmente lícita, a guerra santa podia constituir um dever para todo o povo cristão, incluídos neste tanto os nobres quanto os plebeus¹⁵.

Impulso para as alturas

NO PASSADO, FOI *missão da nobreza, enquanto classe social, cultivar, alimentar e difundir esse impulso de todas as classes para as alturas.*

O nobre era por excelência voltado para essa missão na esfera temporal, como ao clero incumbe sê-lo na ordem espiritual.

Reminiscência do Paraíso

DEUS NOS DEIXOU UMA *reminiscência do Paraíso: a Nobreza.*

NOBREZA É
O GRAU SUPREMO DE
QUALIDADE METAFÍSICA DE
TUDO AQUILO QUE EXISTE.

QUANTO MAIS
SE DIZ DE UM OBJETO
QUE ELE É NOBRE,
ARISTOCRÁTICO, TANTO MAIS
SE ACENTUA QUE ELE
É EXCELENTE
NO SEU GÊNERO.

O empenho das aristocracias para que, em sucessivas gerações, cresça continuamente o aprimoramento das moradias, do mobiliário, dos trajes, dos veículos, como também do porte pessoal e das maneiras, é um aspecto essencial dessa caminhada para uma perfeição global, quer para a glória de Deus, quer para o bem comum da sociedade temporal.

A perfeição está para o Príncipe como a batina para o Padre¹⁶.

[A Nobreza era] um casulo com fios de ouro, onde se trançavam as esperanças dos séculos futuros.

Uma vida de sacrifício

NA MISSÃO DA NOBREZA *existe algo de sacerdotal.*

As boas maneiras, a etiqueta e o protocolo modelavam-se segundo padrões que exigiam da parte do nobre uma contínua repressão do que há de vulgar, de desabrido e até de vexatório em tantos impulsos do homem.

A vida social era, sob alguns aspectos, um sacrifício contínuo que se ia tornando mais exigente à medida que a civilização progredia e se requintava.

A nobreza se alia esplendidamente à virgindade.

**NOSSO SENHOR JESUS CRISTO
ME PARECE A PRÓPRIA
PERSONIFICAÇÃO DO NOBRE.**

NOTAS

1. Força de impacto, de choque, de retaliação. Sobre a liceidade da guerra, ver: Plínio Corrêa de Oliveira, *Nobreza e elites tradicionais análogas*, apêndice de documentos XI, "O que pensam Papas, Santos, Doutores e Teólogos sobre a liceidade da guerra" (Ed. Civilização, Porto, 1993, p. 319). Entretanto, a luta para a qual a presente obra procura ser um incentivo não é cruenta, como já dito. Trata-se do embate, dentro da lei, dos argumentos e da força de personalidade.
2. Michel Ney (1769-1815), marechal de Napoleão, destacou-se especialmente na campanha da Rússia.
3. Mais uma vez as cores simbolizam qualidades de espírito.
4. Ou seja, a beleza metafísica: beleza transcendental, que vai para além do físico.
5. No século XIX houve um renascer do interesse pelas coisas medievais, consideradas erroneamente "coisas de bárbaros", pelos renascentistas e iluministas. Surgiram, então, reconstituições de obras de arte da Idade Média, por vezes mais felizes em exprimir o espírito medieval do que as próprias produções de época. É por isso que o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira afirma que "os cavaleiros medievais que fizeram a proeza não tiveram tanto a idéia da beleza da proeza, quanto teve o século da burguesia, com saudades da proeza".
6. *Mil e uma noites*: contos árabes, em parte de origem persa. Os mais célebres são os de *Aladim ou a Lâmpada Maravilhosa*, *Aventuras de Ali-Babá e os Quarenta Ladrões*, e *As incomparáveis Peregrinações de Sindbad, o Marujo* (século X).
7. *éclatante*: do francês. Reluzente.
8. *holocausto*, aqui com o sentido de imolação, de disposição de dar a vida por uma Causa, se necessário.
9. *Legião estrangeira*: Legendário regimento francês de infantaria, com sede na Argélia colonial, e cujo efetivo era obtido pelo recrutamento de voluntários estrangeiros.
10. Bruges, linda cidade da Bélgica cortada por canais. Dada a impressão de paz que ressuma de suas tranqüilas águas, foi cognominada por alguns de "Bruges, la Morte".

11. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira fez estes comentários no dia 15 de maio de 1974. Até então, considerava-se que a estátua em análise retratasse São Teodoro, um guerreiro romano. Estudos mais acurados levaram à conclusão, hoje unânime, de que se trata de Roland, par de Carlos Magno, "imagem do verdadeiro Cavaleiro" (Entre outras obras ver Étienne Huvé, *Catedrale di Chartres*, Ed. Houvet-la-Crypte, Chartres, 1998, p. 55).

12. Para não se deixar atrair pelas criaturas, um santo, segundo a lenda, teria passado parte de sua vida no fundo de um poço seco. Em outro livro desta coleção (*O Universo é uma Catedral*, p. 162), o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira explica que há duas vias para se subir a Deus: ou utilizando as criaturas ou as desprezando. Quanto a ele e a seus discípulos, resolutamente procurava servir-se das criaturas como degraus, chegando a Deus através da transparência dos símbolos, pois o Universo todo espelha a perfeição do Criador que o fez.

13. *Cristeros*: Assim eram chamados os católicos mexicanos que, nos anos 20, se ergueram em armas contra as perseguições comunistas de Plutarco Elías Calles e Alvaro Obregón. Muitos católicos foram então martirizados, proferindo no último momento o brado "Viva Cristo Rei".

14. É oportuno recordar que na Idade Média a guerra era o quinhão dos nobres, como ao clero tocava a religião. Aos burgueses e homens do povo cabiam o comércio e a produção econômica. Assim, apenas os nobres eram obrigados a versar o "imposto do sangue", ou seja, ir para a guerra. As outras classes sociais ficavam isentas desse pesadíssimo encargo, pois não havia então o sistema de mobilização nacional vigente nos conflitos modernos.

15. A respeito do assunto versado neste tópico e em particular da nobreza obtida pelo exercício de cargos militares, ver *Nobreza e elites tradicionais análogas* (Ed. Civilização, Porto, 1993), de autoria do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.

16. Ou seja, a perfeição deve incorporar-se de tal maneira à personalidade do nobre, que o deve cobrir como uma roupa característica, inseparável dele.

Essas grandes almas, cheias de graça e de zelo, serão escolhidas em contraposição aos inimigos de Deus a borbuharem em todos os cantos, elas serão especialmente devotas da Santíssima Virgem, esclarecidas por sua luz, alimentadas de seu leite, conduzidas por seu espírito, sustentadas por seu braço e guardadas sob sua proteção, de tal modo que combaterão com uma das mãos e edificarão com a outra (São Luís de Montfort, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, II, II, 48).

O CAVALEIRO DO TERCEIRO MILÊNIO





*[O novo cavaleiro**, em sua plenitude, é quem]:*

— Conhece a Revolução, a Ordem e a Contra-Revolução* em seu espírito, suas doutrinas, seus métodos respectivos.*

— Ama a Contra-Revolução e a Ordem cristã, odeia a Revolução* e a “anti-ordem”.*

— Faz desse amor e desse ódio o eixo em torno do qual gravitam todos os seus ideais, preferências e atividades.

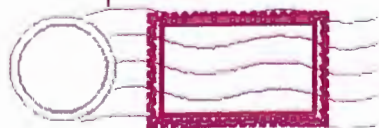
Claro está que essa atitude de alma não exige instrução superior.

Assim como Santa Joana d’Arc não era teóloga, mas surpreendeu seus juízes pela profundidade teológica de seus pensamentos, assim os melhores soldados da Contra-Revolução, animados por uma admirável compreensão do seu espírito e dos seus objetivos, têm sido muitas vezes simples camponeses, da Navarra, por exemplo, da Vandéia ou do Tirol.*

Em estado potencial, o novo cavaleiro pode ter uma ou outra das opiniões e dos modos de sentir dos revolucionários, por inadvertência ou qualquer outra razão ocasional, e sem que o próprio fundo de sua personalidade esteja afetado pelo espírito da Revolução.*

Alertadas, esclarecidas, orientadas, essas pessoas adotam facilmente uma posição contra-revolucionária.*

[O novo cavaleiro tem] um estilo de viver, de agir, e de lutar. É a versão, em termos contemporâneos, do espírito do cavaleiro cristão de outrora.



NO IDEALISMO, ARDOR.

NO TRATO, CORTESIA.

NA AÇÃO,
DEVOTAMENTO SEM LIMITES.

NA PRESENÇA DO ADVERSÁRIO,
CIRCUNSPECÇÃO.

NA LUTA,
ALTANERIA E CORAGEM.

E, PELA CORAGEM, VITÓRIA.

(**) Considerando o paralelo forçoso existente entre o contra-revolucionário e o novo cavaleiro, tomamos em relação ao texto original do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, contido em *Revolução e Contra-Revolução*, a franquia de, com certa freqüência, substituir "contra-revolucionário" por "novo cavaleiro", com o objetivo de tornar a intelecção mais fácil e a redação mais homogênea com o fio condutor da presente obra.



ÂNIMO SAPIENCIAL E
IMACULADO DE MARIA,
TORNAI MEU CORAÇÃO
SAPIENCIAL E SEM MANCHA,
QUE ESSA OBRA É VOSSA.
— SAPIENCIAL E TEMPERANTE,
FORTE, PRUDENTE E JUSTO.
(TEXTO DE PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA)

AS CORAGENS DO NOVO CAVALEIRO



VII

A coragem de falar

O Aleijadinho - Ezequiel



O HOMEM FORTE *não tem medo de falar, tem medo de calar.*

O REVOLUCIONÁRIO*, EM VIA DE REGRA, É PETULANTE, VERBOSO E AFEITO À EXIBIÇÃO, QUANDO NÃO TEM ADVERSÁRIOS DIANTE DE SI, OU OS TEM FRACOS.

Contudo, se encontra quem o enfrente com ufania e arrojo, ele se cala e organiza uma campanha de silêncio. Um silêncio em meio ao qual se percebe o discreto zumbir da calúnia, ou algum murmúrio contra o “excesso de lógica” do adversário, sim. Mas um silêncio confuso e envergonhado, que jamais é entrecortado por alguma réplica de valor.

Diante desse silêncio de confusão e derrota, poderíamos dizer ao contra-revolucionário vitorioso as palavras espirituosas escritas por Veuillot: “Interrogai o silêncio, e ele nada vos responderá”¹.*

Nada mais eficiente que a tomada de posição contra-revolucionária franca e ufana de um jovem universitário, de um oficial, de um professor, de um Sacerdote sobretudo, de um aristocrata ou um operário influente em seu meio. Se perseverar por um tempo, que será mais longo ou menos, conforme as circunstâncias, verá, pouco a pouco, aparecerem companheiros.*

A coragem de mostrar o estandarte por inteiro



A IDÉIA DE APRESENTAR a *Contra-Revolução** sob uma luz mais “*simpática*” e “*positiva*”, fazendo com que ela não ataque a *Revolução**, é o que pode haver de mais tristemente eficiente para empobrecê-la de conteúdo e de dinamismo.

Quem agisse segundo essa lamentável tática mostraria a mesma falta de senso de um chefe de Estado que, em face de tropas inimigas que transpõem a fronteira, fizesse cessar toda resistência armada, com o intuito de cativar a simpatia do invasor e, assim, paralisá-lo.

Na realidade, ele anularia o ímpeto da reação, sem deter o inimigo. Isto é, entregaria a pátria...

Não quer isto dizer que a linguagem do contra-revolucionário não seja matizada segundo as circunstâncias.*

O Divino Mestre, pregando na Judéia, que estava sob a ação próxima dos

pérfidos fariseus, usou de uma linguagem candente. Na Galiléia, pelo contrário, onde predominava o povo simples e era menor a influência dos fariseus, sua linguagem tinha um tom mais docente e menos polêmico.

Assim, no itinerário do erro para a verdade, não há para a alma os silêncios velhacos da Revolução, nem suas metamorfoses* fraudulentas. Nada se lhe oculta do que ela deve saber. A verdade e o bem lhe são ensinados integralmente pela Igreja. Não é escondendo, sistematicamente, o termo último de sua formação, mas mostrando-o e fazendo-o desejado sempre mais, que se obtém dos homens o progresso no bem.*

FIRMEZA, FIRMEZA, FIRMEZA...

FIRMEZA CORTÊS, FIRMEZA

POLIDA, FIRMEZA SÉRIA,

FIRMEZA DISTINTA, FIRMEZA

SEM ARROGÂNCIA, FIRMEZA

SEM DEBILIDADE. FIRMEZA!

A coragem de ser pelas elites



No Copacabana Palace (Rio), o salão nobre preparado para um grande banquete

MUITO SE FALA *hoje do apostolado em benefício das massas e, como justo corolário, de uma ação preferencial em favor das suas necessidades materiais.*

Mas importa não ser unilateral em tal matéria, e jamais perder de vista a alta importância do apostolado sobre as elites e, através destas, sobre todo o corpo social.

O sopro demagógico de igualitarismo que perpassa todo o mundo contemporâneo cria uma atmosfera de antipatia contra as elites tradicionais. E isto, precisamente, em grande parte pela fidelidade que estas têm à tradição. Há nessa antipatia, pois, uma grave injustiça, desde que tais elites entendam tradição retamente.

Outro fator de hostilidade contra as elites tradicionais está no preconceito revolucionário de que qualquer desigualdade de berço é contrária à justiça.

**ADMITE-SE HABITUALMENTE
QUE UM HOMEM POSSA
DESTACAR-SE PELO SEU
MÉRITO PESSOAL.
NÃO SE ADMITE PORÉM
QUE O FATO DE PROCEDER DE
UMA ESTIRPE ILUSTRE SEJA
PARA ELE UM TÍTULO ESPECIAL
DE HONRA E DE INFLUÊNCIA.**



A ESTE RESPEITO,
O SANTO PADRE PIO XII DÁ-NOS
UM PRECIOSO ENSINAMENTO:
“AS DESIGUALDADES SOCIAIS,
INCLUSIVE AS LIGADAS AO
NASCIMENTO, SÃO INEVITÁVEIS.
A NATUREZA BENIGNA E A
BÊNÇÃO DE DEUS À HUMANIDADE
ILUMINAM E PROTEGEM
OS BERÇOS, BEIJAM-NOS,
PORÉM NÃO OS NIVELAM”².

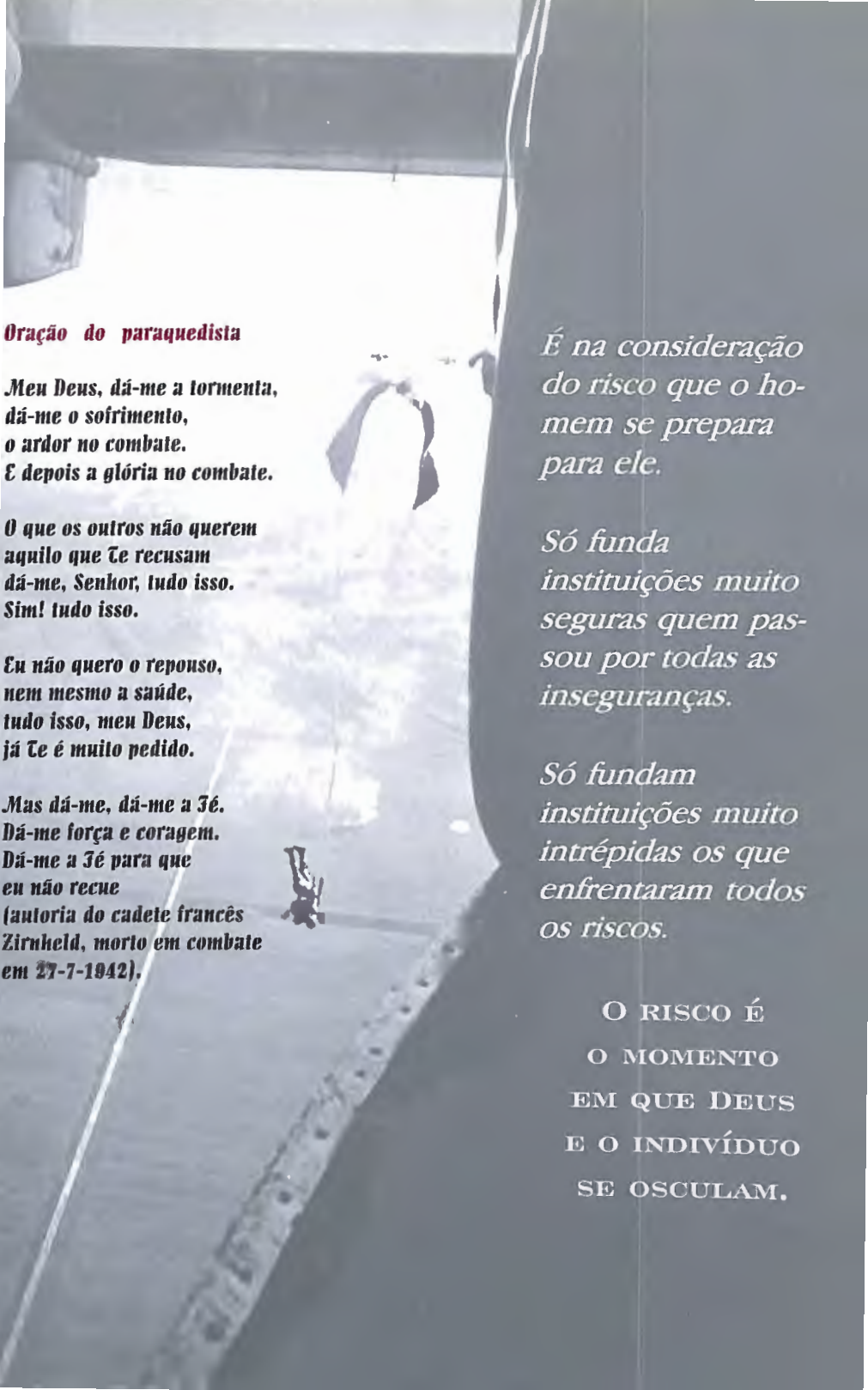
A coragem de estimar o risco

MEDO, TODA CRIATURA *humana* sente; a questão é ser capaz de sentir as delícias do risco, que fazem com que o indivíduo se sinta pago do medo.

A proeza seria um risco que está nos confins da debilidade, em que a pessoa arrisca tudo com meios apenas suficientes.

Assim, de tal maneira dá tudo a favor da Causa, que fica como que imerso na atmosfera do ideal pelo qual está se entregando.

Para sabermos de que estofo é o nosso entusiasmo diante do risco, devemos familiarizar-nos em vê-lo de frente. De maneira que ele se torne para nós um companheiro quotidiano: comece a povoar as nossas insônias, e depois por diminuir nossos sonos, para depois se tornar uma segunda natureza³.



Oração do paraquedista

**Meu Deus, dá-me a tormenta,
dá-me o sofrimento,
o ardor no combate.
E depois a glória no combate.**

**O que os outros não querem
aquilo que Te recusam
dá-me, Senhor, tudo isso.
Sim! tudo isso.**

**Eu não quero o reponso,
nem mesmo a saúde,
tudo isso, meu Deus,
já Te é muito pedido.**

**Mas dá-me, dá-me a Fé.
Dá-me força e coragem.
Dá-me a Fé para que
eu não recue
(autoria do cadete francês
Zirkheld, morto em combate
em 27-7-1942).**

*É na consideração
do risco que o ho-
mem se prepara
para ele.*

*Só funda
instituições muito
seguras quem pas-
sou por todas as
inseguranças.*

*Só fundam
instituições muito
intrépidas os que
enfrentaram todos
os riscos.*

**O RISCO É
O MOMENTO
EM QUE DEUS
E O INDIVÍDUO
SE OSCULAM.**

A coragem de ser audaz



Churchill (sentado, centro), durante a Conferência de Casablanca, em 1943, quando os aliados decidiram lutar até o fim, ou seja, até a rendição incondicional das potências do Eixo, na Segunda Guerra Mundial

A AUDÁCIA É *o sinal precursor da vitória.*

Se o fim é vencer, em noventa por cento dos casos é mais prudente avançar do que recuar. Não é outra a virtude evangélica da Prudência.

O entrechoque da batalha, quando apresentado em toda a sua rudeza e em toda a sua intensidade, tem qualquer coisa que lembra o entrechoque das naturezas angélicas.

A pessoa encontra seu nome estando no vórtice ou no vértice de uma situação, onde o batalhar das energias mais magníficas do Bem e das vivências mais torpes do Mal se entrechocam, e onde todo o Bem e todo o Mal entram em luta.

[O novo cavaleiro] vive de audácia, nas fímbrias do horizonte mental e axiológico⁴, distinguindo com maturidade as elucubrações temerárias, ocas e cheias de fábulas, dos altíssimos horizontes inconcebíveis para o homem mediano.

É preciso que em todas as nossas ações se note esse acerto, essa elevação, essa oportunidade, essa força, essa destreza, essa justiça, que são as características de todo o operar do verdadeiro varão de Deus.



A coragem de renunciar à “vidinha”

SENHOR, DAI-ME a graça de não ser daqueles a quem só interessa a vidinha⁵ deles, a coisinha deles, a virtudezinha deles e a pessoinha deles.

É preciso haver uma visão clara das coisas sumas, e amá-las com destemor e ênfase, na ventania da aquiescência interna, para que de fato haja heroísmo

Foi o egoísmo que liquidou a cavalaria medieval. E matou a própria Idade Média. Egoísmo que é tanto o orgulho quanto a sensualidade, e do qual nasceu a Revolução.

O egoísmo foi precipitado por São Miguel nos infernos⁶.

É o egoísmo que nos impede de sermos grandes cavaleiros. E de termos a alma das canções de gesta. Egoísmo que apaga em nós o Lumen Christi, luz em que veremos todas as luzes, e sem cuja claridade nenhuma luz é luz.

Pelo favor de Nossa Senhora, se há alguma coisa que eu não sou é um conformista! Eu sou inconforme!

O que é, para incontáveis “inconformistas”, o “inconformismo”?

No fundo, é a conformidade submissa com a onda. E o que é chamado “conformismo”? É, muitas e muitas vezes, a inconformidade ativa contra essa mesmíssima onda.

Os verdadeiros “inconformistas” são os que o linguajar dos que estão “para frente” e “no vento” qualificam de “conformistas”..., os que têm a coragem de erguer a cabeça e enfrentar o tufão.

*Quando ainda muito jovem,
considereei enlevado
as ruínas da Cristandade,
a elas entreguei meu coração.
Voltei as costas ao meu futuro
E fiz daquele passado
carregado de bênçãos
o meu Porvir...*

*Eu sacrifiquei minha
carreira como
quem sacrifica
um papel
velho,
atirando-o a
lixo, sem um
hesitação,
sem um
pranto⁷.*

*A ruptura
[com o mal]
profunda e
trágica,
se é
completa,
traz a paz.*



A coragem de ser vigilante

NÃO HÁ *traição pequena.*

Quem não desconfia de quem deve desconfiar, não confia em quem deve confiar.

Não sabe defender quilômetros quem não sabe defender milímetros.



Castelo de Jadraque (Espanha) - Foto Reinhart Wolf

*Um defeito do tamanho de um grão
de poeira, ao cabo de um ano,
é um tijolo, ao cabo de dois anos
é um muro, ao cabo de três anos
é uma capitulação.*

*É preciso ver em qualquer gotinha a
integridade do Bem, e em qualquer
gotinha ter amor tão enfático quanto
ao píncaro; e a correspondente
execração do Mal.*

*Dize-me com quem tens indulgência,
e dir-te-ei quem és⁸.*

*A lei da perspicácia é a lei do contras-
te. A certeza é que gera o contraste.
Quem não tem certezas, não é capaz
de perceber o contraste, e é o contras-
te que faz a perspicácia.*

Em face da Revolução e da Contra-
Revolução* não há neutros. Pode ha-
ver, isto sim, não combatentes, cuja
vontade ou cujas veleidades estão,
conscientemente ou não, em
um dos dois campos.*

A coragem de ser organizado e astucioso

A MODERNIDADE DA *Contra-Revolução** não consiste em fechar os olhos nem em pactuar, ainda que em proporções insignificantes, com a *Revolução**. Pelo contrário, consiste



Castelo Velez Blanco (Almeria) Foto Reinhart Wolf

em conhecê-la em sua essência invariável e em seus tão relevantes acidentes contemporâneos, combatendo-a nestes e naquela, inteligentemente, argutamente, planejadamente, com todos os meios lícitos.

**BOM SENSO SEM CORAGEM
DÁ EM COVARDIA,
E CORAGEM SEM BOM-SENSO
DÁ EM LOUCURA.**

Nas minhas obras de apostolado, o menor sacrifício me detém, o menor esforço me causa horror, a menor luta me põe em fuga. Gosto do apostolado, sim. De um apostolado inteiramente conforme com minhas preferências e fantasias, a que me entrego quando quero, como quero, porque quero. E depois julgo ter feito a Deus uma imensa esmola⁹.

Mas Deus não se contenta com isto. Para a Igreja, quer Ele toda a minha

vida, quer organização, quer sagacidade, quer intrepidez, quer a inocência da pomba mas a astúcia da serpente, a doçura da ovelha mas a cólera irresistível e avassaladora do leão.

Se for preciso sacrificar carreira, amizades, vínculos de parentesco, vaidades mesquinhas, hábitos inveterados, para servir a Nosso Senhor, devo fazê-lo.

**POIS A DEUS
DEVEMOS DAR TUDO,
ABSOLUTAMENTE TUDO, E
DEPOIS DE TER DADO TUDO
AINDA DEVEMOS DAR
NOSSA PRÓPRIA VIDA.**

A astúcia é um requinte da prudência.

*Quem na hora do trabalho não tem
perseverança, na hora da luta
perseverará?*

A coragem de ser puro

DAS VÁRIAS CORAGENS *que o homem precisa ter, uma das maiores ou a maior é a coragem de resolver ser puro.*

É preciso ter grande varonilidade, grande seriedade, grande força de vontade para ser puro.

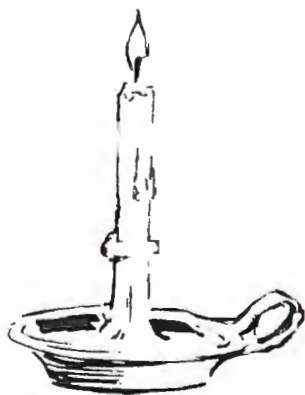
Acho que a pureza é um milagre freqüente, mas é um milagre.

Resolver ser puro é decidir dar um salto por cima do abismo, porque o homem percebe em si que não tem força para isto, e que a pureza lhe virá de uma graça obtida por Nossa Senhora.

UM HOMEM ASSIM TEM
A ALMA DE UM HERÓI.

A coragem diante da derrota

VMA DAS MAIS *irremediáveis* vulgaridades de espírito do nazismo era a de achar que Nosso Senhor se portou na Paixão como um *infra-homem*, porque foi derrotado.



*Se uma vela
pudesse
pensar, o
momento
maior da
alegria seria
aquele em
que ela acabas-
se de se consu-
mir nas mãos de
quem a carrega.*

*Ela pensaria: Eu fui criada para ilu-
minar, nas mãos de quem tem a vo-
cação de me conduzir. Meu pavio,
minha cera, meu fogo, tudo quei-
mou. Eu vivi!*

A PALAVRA CAVALEIRO
TOMA SIGNIFICADO
QUANDO ALGUÉM
CONSERVA O ÂNIMO
NO AUGUE DA
CÁSTROFE¹⁰.

Ruínas do Castelo de Kenilworth, Warwickshire, Inglaterra

1. Louis Veuillot, *Oeuvres Complètes*, P. Lethielleux Librairie-Editeur, Paris, vol. XXXIII, p. 349.
2. *Discorsi e Radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. III, p. 347.
3. Essa observação vale para qualquer tipo de risco, não apenas para o resultante de uma eventual defesa face a alguma ameaça violenta.
4. Axiológico: o que tem afinidade com as finalidades dos seres, com os valores morais.
5. "Vidinha" tem aqui um caráter nitidamente pejorativo. Indica as preocupações exageradas com a segurança, a saúde, as satisfações do amor próprio ou de uma sociabilidade sem transcendência, que restringem e até amputam os horizontes de uma multidão de nossos contemporâneos. É digno de nota que o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira arrole a "virtudezinha" entre as manifestações de "vidinha". Com isto, deseja ele mostrar os inconvenientes de uma devoção rotineira, exterior e fechada em pequenos panoramas, por assim dizer, "paroquiais". Os grandes horizontes da Igreja e as grandes preocupações com a situação da Causa católica são colocados de lado com desembaraço, pois as consciências de pessoas assim se sentem apaziguadas pelo pouco que fazem ou julgam fazer pela Religião.
6. Cf. Apoc., cap XII.
7. Com efeito, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, com 23 anos deputado mais jovem à Constituinte de 1934, eleito com a maior votação do País (nada menos que 9,5% do votos apurados, ou seja, proporcionalmente bem mais do que conseguiram Paulo Maluf e Luís Lula da Silva em nossos dias), descendendo, ademais, de uma família ilustre, possuidor de uma inteligência reluzente e dotes oratórios absolutamente incomuns, poderia ter tido uma carreira fora de qualquer paralelo, não tivesse deliberado colaborar na causa católica, com a mais absoluta fidelidade aos princípios da Igreja.
8. Paráfrase do refrão popular "dize-me com quem andas, e dir-te-ei quem és". Evidentemente, trata-se de uma má indulgência.
9. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira censura aqui certa mentalidade, pela qual as pessoas fazem algo por Deus, com a ajuda do próprio Deus, e se vangloriam disso a seus próprios olhos, como se Deus pudesse se contentar com as obras de nossa atividade.
10. A enumeração das coragens do cavaleiro obviamente não visa a ser exaustiva. Trata-se de trechos do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira recolhidos a partir de diversas

SE AS ARMAS QUERES VER, COMO TENS DITO.
CUMPRIDO ESSE DESEJO TE SERIA;
COMO AMIGO AS VERÁS, PORQUE ME OBRIGO
QUE NUNCA A QUEIRAS VER COMO INIMIGO.
CAMÕES, OS LUSÍADAS, CANTO PRIMEIRO, 66.



A NOVA
ESGRIMA
EM DEZ AVISOS

VIII

*N*ÃO PODEMOS FICAR
CONTEMPLANDO NOSSAS
METAS COMO ALGUÉM QUE,
QUERENDO SUBIR UMA
MONTANHA, FICASSE SÓ
OLHANDO PARA O SEU
CUME.

O ESCALAR DE UMA MON-
TANHA SE COMPÕE TAMBÉM
DE INCONTÁVEIS PEQUENOS
OBSTÁCULOS. POR ISSO É
NECESSÁRIO, CUSTE O QUE
CUSTAR, DAR O PASSO IME-
DIATO, E ASSIM POR DIAN-
TE, ATÉ ALÇAR-SE AO PÍN-
CARO DA MONTANHA.

1



O vulto total da Revolução

A REVOLUÇÃO* TEM *progredido à
custa de ocultar seu vulto total, seu
espírito verdadeiro, seus fins últimos.*

O MEIO MAIS EFICIENTE
DE REFUTÁ-LA JUNTO AOS
REVOLUCIONÁRIOS CONSISTE
EM MOSTRÁ-LA INTEIRA.

ARRANCAR-LHE ASSIM
OS VÉUS É DESFERIR-LHE
O MAIS DURO DOS GOLPES.

O contra-revolucionário deve, pois, aproveitar zelosamente o tremendo espetáculo de nossas trevas para — sem demagogia, sem exagero, mas também sem fraqueza — fazer compreender aos filhos da Revolução* a linguagem dos fatos, e assim produzir neles o “flash”¹ salvador.*

**É PRECISO SABER MOSTRAR, NO
CAOS QUE NOS ENVOLVE, A FACE
TOTAL DA REVOLUÇÃO, EM SUA
IMENSA HEDIONDEZ.**

Sempre que esta face se revela, aparecem surtos de vigorosa reação.

É por este motivo que, por ocasião da Revolução Francesa, e no decurso do século XIX, houve na França um movimento contra-revolucionário melhor do que jamais houvera anteriormente naquele país. Nunca se vira tão bem a face da Revolução*.*

O contra-revolucionário deve, com frequência, desmascarar o vulto geral da Revolução*, a fim de exorcizar o quebranto que esta exerce sobre suas vítimas.*

A Contra-Revolução não deve, pois, dissimular seu vulto total. Ela deve fazer suas as sapientíssimas normas estabelecidas por São Pio X para o proceder habitual do verdadeiro apóstolo².*



O igualitarismo, questão central

A QUINTESSÊNCIA do espírito revolucionário* consiste em odiar por princípio, e no plano metafísico, toda desi-

gualdade e toda lei, especialmente a Lei Moral.

Um dos pontos muito importantes do trabalho contra-revolucionário é, pois, ensinar o amor à desigualdade vista no plano metafísico, ao princípio de autoridade, e também à Lei Moral e à pureza; porque exatamente o orgulho, a revolta e a impureza são os fatores que mais propulsionam os homens na senda da Revolução.



Reavivar a distinção entre o Bem e o Mal

A CONTRA-REVOLUÇÃO TEM, *como uma de suas missões mais salientes, a de restabelecer ou reavivar a distinção*

entre o bem e o mal, a noção do pecado em tese, do pecado original e do pecado atual.

Essa tarefa, quando executada com uma profunda compenetração do espírito da Igreja, não traz consigo o risco de desespero da misericórdia divina, hipocondrismo, misantropia, etc., de que tanto falam certos autores mais ou menos infiltrados pelas máximas da Revolução³.



Grandes meios de ação

EM PRINCÍPIO, é claro, a ação contra-revolucionária merece ter à sua disposição os melhores meios de tele-

visão, rádio, imprensa de grande porte, propaganda racional, eficiente e brilhante.

O verdadeiro contra-revolucionário deve tender sempre à utilização de tais meios, vencendo o estado de espírito derrotista de alguns de seus companheiros que, de antemão, abandonam a esperança de dispor deles porque os vêem sempre na posse dos filhos das trevas.*

Entretanto, devemos reconhecer que, in concreto, a ação contra-revolucionária terá de se realizar muitas vezes sem esses recursos.*

**AINDA ASSIM, E COM MEIOS
DOS MAIS MODESTOS,
PODERÁ ELA ALCANÇAR
RESULTADOS MUITO
APRECIÁVEIS, SE TAIS
MEIOS FOREM UTILIZADOS
COM RETIDÃO DE ESPÍRITO
E INTELIGÊNCIA.**

É concebível uma ação contra-revolucionária reduzida à mera atuação individual. Mas não se pode concebê-la sem esta última. A qual, por sua vez, desde que bem feita, abre as portas para todos os progressos.*

**OS PEQUENOS JORNAIS
DE INSPIRAÇÃO CONTRA-REVOLU-
CIONÁRIA, QUANDO DE BOM
NÍVEL, TÊM UMA EFICÁCIA
SURPREENDENTE, PRINCIPAL-
MENTE PARA A TAREFA PRIMORDI-
AL DE FAZER COM QUE
OS CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS
SE CONHEÇAM.**

*Tão ou mais
eficientes po-
dem ser o livro,
a tribuna e
a cátedra, a
serviço da Con-
tra-Revolução*.*





Elites, não massa

A CONTRA-REVOLUÇÃO* *deve procurar, quanto possível, conquistar as multidões.*

Entretanto, não deve fazer disso, no plano imediato, seu objetivo principal, e um contra-revolucionário não tem razão para desanimar pelo fato de que a grande maioria dos homens não está atualmente de seu lado.*

Um estudo exato da História nos mostra, com efeito, que não foram as massas que fizeram a Revolução.*

Elas se moveram num sentido revolucionário porque tiveram atrás de si elites revolucionárias.

Se tivessem tido atrás de si elites de orientação oposta, provavelmente se teriam movido num sentido contrário.

**O FATOR MASSA,
SEGUNDO MOSTRA A
VISÃO OBJETIVA DA HISTÓRIA,
É SECUNDÁRIO; O PRINCIPAL
É A FORMAÇÃO
DAS ELITES.**

Ora, para essa formação, o contra-revolucionário pode estar sempre aparelhado com os recursos de sua ação individual, e pode pois obter bons frutos, apesar da carência de meios materiais e técnicos com que, às vezes, tenha que lutar.*



Pensadores não livrescos

O ESFORÇO *contra-revolucio -
nário** não deve ser livresco, isto é,
não pode contentar-se com uma
dialética com a Revolução no plano
puramente científico e universitário.

O PONTO DE MIRA DA CONTRA-
REVOLUÇÃO* DEVE SER A REVO-
LUÇÃO* TAL QUAL ELA É PENSE-
DA, SENTIDA E VIVIDA PELA OPI-
NIÃO PÚBLICA EM SEU CONJUNTO.

*Os contra-revolucionários devem atri-
buir importância muito particular à
refutação dos “slogans” revolucionários*.*





Ação de presença

PELO MENOS 50% do apostolado do cavaleiro é apostolado de presença, que consiste em ser visto de uma maneira em que se perceba o destemor, a dedicação e a coragem.

**O CONTRA-REVOLUCIONÁRIO*
DEVE SER UM ESTANDARTE VIVO,
UMA TOCHA VIVA DO SUBLIME,
DO ELEVADO, DO SACRAL*, NO
MUNDO QUE É EXATAMENTE O
CONTRÁRIO. UMA LANÇA,
UM ARIETE CONTRA OS QUE SE
OPÕEM A ESSES VALORES.**

A forma de brilho que há nos símbolos da Contra-Revolução, e que deve refulgir no novo cavaleiro, só se explica por uma presença da graça de Deus, que se torna perceptível a outros — como diz São Tomás — por uma ação do Espírito Santo.*

É este o brilho que tinham os Apóstolos, os Cruzados, os heróis da Reconquista, e é um brilho que não se reduz a termos naturais.

O verdadeiro heroísmo é vistoso como um fogo de artifício e modesto como uma violeta.





Características locais

A CONTRA-REVOLUÇÃO* *deverá favorecer a manutenção de todas as sadias características locais, em qualquer terreno, na cultura, nos costumes, etc.*

Mas seu nacionalismo não tem o caráter de depreciação sistemática do que é de outros, nem de adoração dos valores pátrios como se fossem desligados do grande acervo da civilização cristã.

A grandeza que a Contra-Revolução deseja para todos os países só é e só pode ser uma: a grandeza cristã.*



A paz e a guerra

A PAZ É ALGO *de muito sério para se deixar na mão dos pacifistas.*

O contra-revolucionário deve lamentar a paz armada, odiar a guerra injusta.*

Não tendo, porém, a ilusão de que a paz reinará sempre, considera uma necessidade deste mundo de exílio a existência da classe militar, para a qual pede toda a simpatia, todo o reconhecimento, toda a admiração a que fazem jus aqueles cuja missão é lutar e morrer para o bem de todos.



As questiúnculas pessoais

A CONTRA-REVOLUÇÃO* *deve mostrar sempre um aspecto ideológico, mesmo quando trata de questões muito pormenorizadas e contingentes.*

- *Dar excessivo realce a questiúnculas pessoais,*
- *fazer da luta com adversários ideológicos locais o principal da ação contra revolucionária,*
- *apresentar a Contra-Revolução como se fosse uma simples nostalgia (não negamos, aliás, é claro, a legitimidade dessa nostalgia)*

- *ou um mero dever de fidelidade pessoal, por mais santo e justo que este seja,*
- *é apresentar o particular como sendo o geral,
a parte como sendo o todo,
é mutilar a causa que se quer servir⁴.*



NOTAS

1. *Flash*: com essa metáfora o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira quer significar que a revelação fulgurante da chocante realidade revolucionária pode produzir uma espécie de iluminação súbita que põe em ordem as idéias de quem o recebe.

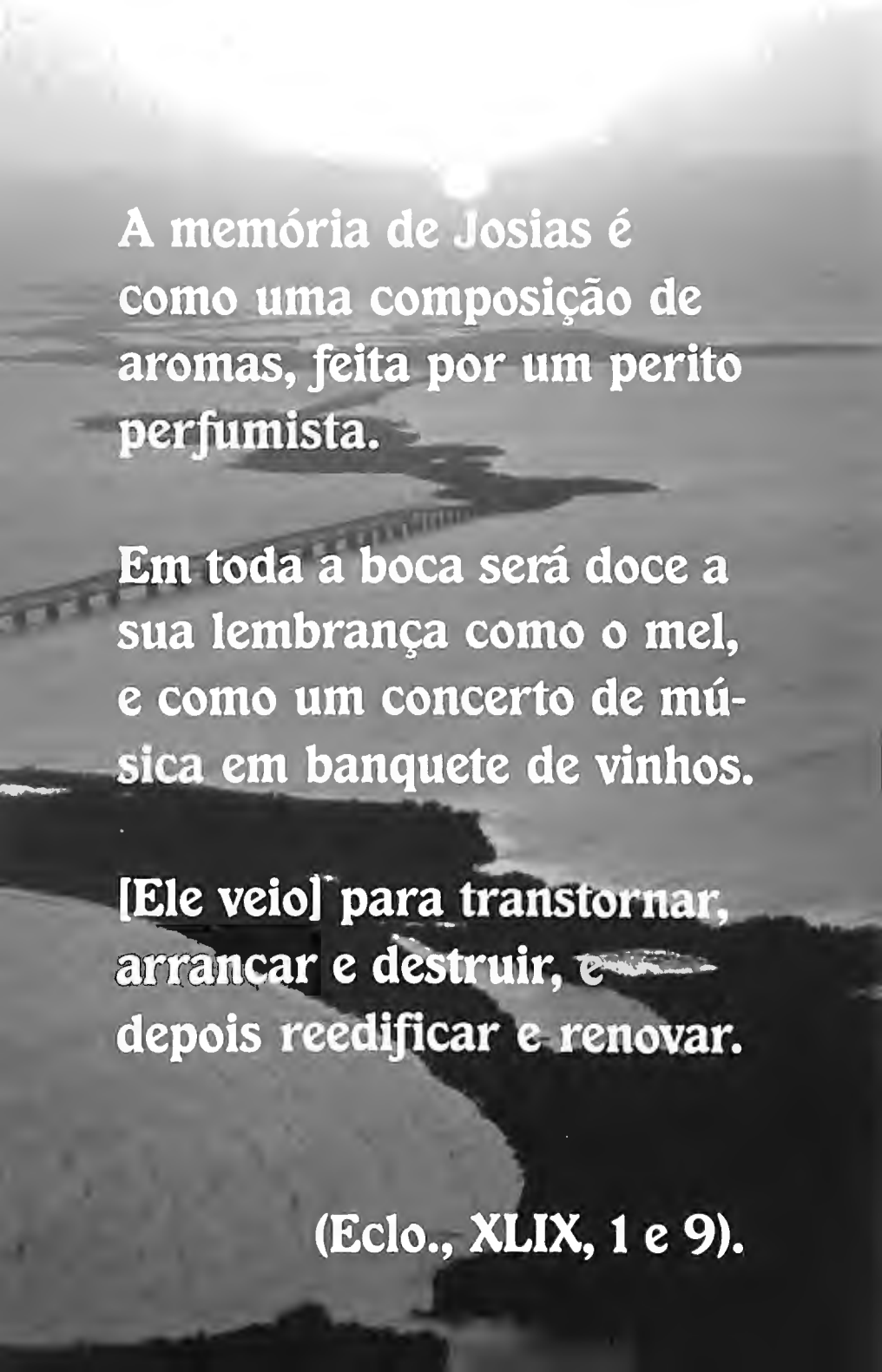
2. O proceder habitual do verdadeiro apóstolo, como ensinam os Papas, deve ser destemido: *“Não é leal nem digno ocultar, cobrindo-a com uma bandeira equívoca, a qualidade de católico, como se esta fosse mercadoria avariada e de contrabando”* (São Pio X, carta ao Conde Medolago Albani, Presidente da União Econômico-Social, da Itália, datada de 22-XI-1909 — Bonne Presse, Paris, vol. V, p. 76). Os católicos não devem *“ocultar como que sob um véu os preceitos mais importantes do Evangelho, temerosos de serem talvez menos ouvidos, ou até completamente abandonados”* (São Pio X, Encíclica “Jucunda Sane”, de 12-III-1904 — Bonne Presse, Paris, vol. I, p. 158). Ao que judiciosamente acrescentava o santo Pontífice: *“Sem dúvida, não será alheio à prudência, também ao propor a verdade, usar de certa contemporização, quando se tratar de esclarecer homens hostis às nossas instituições e inteiramente afastados de Deus. As feridas que é preciso cortar — diz São Gregório — devem antes ser apalpadas com mão delicada. Mas essa mesma habilidade assumiria o aspecto de prudência carnal se erigida em norma de conduta constante e comum; e tanto mais que desse modo pareceria ter-se em pouca conta a graça divina, que não é concedida somente ao Sacerdócio e aos seus ministros, mas a todos os fiéis de Cristo, a fim de que nos-*

sas palavras e atos comovam as almas desses homens" (doc. cit., ibid.).

3. Mas reavivar a distinção entre o Bem e o Mal não levará ao *maniqueísmo*? — Absolutamente não. Hoje se disseminou arbitrariamente o uso do adjetivo *maniqueísta* como uma espécie de xingação, para denegrir qualquer forma de distinção entre o Bem e o Mal. A moda consiste em fazer uma espécie de integração entre o Bem e o Mal numa espécie asquerosa de *pirão*. Mas a distinção entre o Bem e o Mal é a base do senso moral, e portanto é parte integrante da boa formação católica. Negar a oposição entre o Bem e o Mal constitui o auge da imoralidade.

— O maniqueísmo histórico foi uma seita herética fundada por Maniqueu no séc. III, segundo a qual o demônio não teria sido criado por Deus, mas seria ele mesmo o princípio e a substância do mal (Denzinger, 237). Como se vê, de modo algum rejeitar o maniqueísmo implica em condenar o senso do Bem e do Mal. Pelo contrário, lê-se na Sagrada Escritura: *Contra o Mal está o Bem, e contra a morte a vida; assim também contra o homem justo está o pecador. Considera assim todas as obras do Altíssimo. Achá-las-ás duas a duas, e uma oposta à outra* (Eclo, 33, 15).

4. A coletânea destes dez *avisos* não pretende ser exaustiva. A quase totalidade destas preciosas normas de ação foram extraídas da segunda parte de *Revolução e Contra-Revolução*, obra-prima de Plínio Corrêa de Oliveira, sobre a qual o leitor encontrará mais esclarecimentos ao fim deste volume.



A memória de Josias é
como uma composição de
aromas, feita por um perito
perfumista.

Em toda a boca será doce a
sua lembrança como o mel,
e como um concerto de mú-
sica em banquete de vinhos.

[Ele veio] para transtornar,
arrancar e destruir, e
depois reedificar e renovar.

(Eclo., XLIX, 1 e 9).

GRANDEZA





O escarpado rochedo Vedrá (Balears), esplendidamente isolado no Oceano, é um símbolo expressivo da Grandeza sacrificada e por vezes incompreendida

Grandeza!

TODO HOMEM É *grande*¹, desde que seja fiel [à graça].

O infortúnio é o pedestal da grandeza.

NÃO HÁ COISA QUE
SE PAGUE COM PREÇO MAIS
CARO DO QUE A GRANDEZA.
ELA NÃO SERIA GRANDEZA,
SE FOSSE POSSÍVEL POSSUÍ-LA
SEM SER UM CRUCIFICADO.

*Grande não é o que tem proporções
avantajadas, mas o que produz gran-
des efeitos.*

*Os grandes homens não são aqueles
que só se interessam pelas grandes
coisas. São aqueles que sabem ver
grandes horizontes também nas
pequenas.*



Carlos Magno,
símbolo imortal da Grandeza

Nossa Senhora é a mãe indizivelmente grande, a rainha inexprimivelmente doce e acessível, o arco-íris que reúne em uma síntese incomparável os dois aspectos da grandeza — a superioridade e a dadivosidade.

O novo cavaleiro deve poder dizer de si:

*"Eu sou o homem
da Grandeza em toda linha".*

**"EU REPRESENTO A GRANDEZA
PERSEGUIDA, CRUCIFICADA,
ODIADA ENQUANTO GRANDEZA
E POR SER GRANDEZA. MAS
AFIRMANDO SEMPRE
A FORÇA DA LEI".**

*"Eu fui o apedrejado
e o crucificado da Grandeza".*

Não é uma grandeza de pavão, mas é uma grandeza que está continuamente em luta, porque, onde eu entro, é indiscutível que entro com meu desafio.



**OS VERDADEIROS PEQUENOS
ENCONTRAM EM MIM UM PAI,
UM PROTETOR, UM EXPLICADOR
DO CAMINHO².**

De um testamento

EM NOME DA SANTÍSSIMA e Indivisa Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, e da Bem-Aventurada Virgem Maria, Minha Mãe e Senhora, declaro que vivi e espero morrer na santa Fé católica, apostólica, romana, à qual adiro com todas as veras de minha alma.

Não encontro palavras suficientes para agradecer a Nossa Senhora o favor de haver vivido desde os primeiros dias e de morrer como espero na Santa Igreja, à qual votei, voto e espero votar até o meu último alento todo o meu amor. De tal sorte que todas as pessoas, instituições e doutrinas que amei durante a minha vida, e atualmente amo, só as amei ou amo porque eram ou são segundo a Santa Igreja, e na medida em que eram ou são segundo a Santa Igreja. Igualmente, jamais combati instituições, pessoas ou doutrinas senão porque e na medida em que eram opostas à Santa Igreja Católica³.

Grande na Fé, grande na morte

CATÓLICO APOSTÓLICO romano, eu
o fui durante toda a minha vida.

*Sou-o, hoje, com maior convicção,
energia e entusiasmo do que nunca.*

*E espero, pela graça de Deus e pela
intercessão de Nossa Senhora, que o
serei mais e mais até o último alento.*

*Que as portas do Vaticano me tenham
sido batidas, ou venham a ser-me
batidas no rosto.*

*Eu em nada alteraria minha atitude de
fé, entusiasmo e obediência. E, além
disto, me sentiria em perfeita felicidade⁴.*

*Que eu possa dizer na hora da
morte: realmente, eu fui um varão
católico e todo apostólico romano.
Romano e romano⁵.*

1. Sendo a Revolução essencialmente igualitária, quem se entrega a seu combate não pode deixar de ter uma admiração especial pela Grandeza. Santo Tomás de Aquino, em sua Summa Theologica, analisa duas virtudes ligadas à Grandeza: a magnanimidade e a magnificência (2-2, 129 a 134).

2. Exemplo vivo da Grandeza a respeito da qual tão bem sabia discorrer, no ano de sua morte pôde afirmar:

"Estou com 86 anos. Eu quero ser como sou. **Eu sou aquele que aparece aos olhos do adversário como pessoa que não tem a menor crise de identidade.** Estou entregue a uma causa distinta de mim, que é a Contra-Revolução. Eu não sou senão isso. Sendo assim, quem me ama ama a Contra-Revolução, quem me odeia odeia a Contra-Revolução".

- Em outra ocasião, assim resumiu sua visão do mundo, a qual exprime muito bem sua inquestionável Grandeza: "É uma visão harmônica e arquitetônica, monárquica e aristocrática, de toda a ordem do Universo, tanto no campo espiritual quanto no terreno temporal, mas acentuando especialmente os pontos que a Revolução* mais negou".

3. Do testamento de Plínio Corrêa de Oliveira.

4. Até aqui, extraído de artigo na "Folha de S. Paulo", domingo, 12 de julho de 1970. Haveria, no último trecho, uma leve mas tocante alusão ao famoso conceito de "perfeita alegria", de São Francisco de Assis, contida nos "Fioretti"?

5. Falecido em 3 de outubro de 1995, Plínio Corrêa de Oliveira, alguns anos antes, em uma conferência, imaginou a situação de alguém que, ao morrer, dizia: *Eu morro sem entender, mas não morro sem adorar.* Eis a grandeza de sua entrega a Deus.

Disseram pois os ímpios no
desvario de seus pensamentos:



— *Armemos laços
ao justo, porque nos é
molesto e é contrário às
nossas obras.*

*Só o vê-lo nos é insuportável;
porque sua vida não é semelhante
à dos outros e o seu proceder é
muito diferente.*

*Somos considerados por ele como
pessoas vãs*

*e abstém-se do nosso modo de viver
como duma coisa imunda.*

(Cf. Sagrada Escritura, *Livro da
Sabedoria*, II, 12-16).

EPÍLOGO

ALEGORIA



NÃO QUERO *imaginar um galeão inteiramente excepcional, como o Royal Soleil, por exemplo. Concebo um galeão médio, de boa categoria, que por causa disso participa da majestade do Royal Soleil. Num fundo do mar que estou figurando ser o Caribe. Mas não imagino um galeão afrancesado. Eu o figuro com grande categoria e espanhol.*



O "Royal Soleil"





O galeão transesférico propriamente dito é espanhol. Com aquela nota de majestade um tanto carrancuda, um tanto desconfiada, e um pouquinho resmungona, que caracteriza certas coisas da arquitetura espanhola.*

Na proa, um nicho para imagens, trabalhado, sério, alto, grande. A popa com aquele ar de velho solar espanhol, muito nobre.

Posto no fundo do mar, com a carranca e com a agressividade de um navio de guerra.



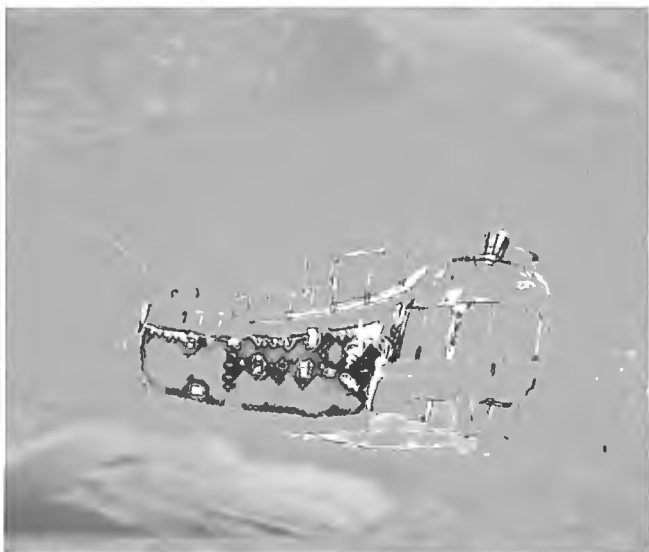
Eu o imagino muito no fundo, com uma camada grossíssima de areia meio gelatinosa, de não sei que substâncias, de vegetais mortos, de musgos. De vez em quando uns corais, emergentes como esqueletos de pedra, se erguendo como dedos de dentro do mar, e que estão encostados em uma parte do galeão, ajudando a mantê-lo de pé.

Vários canhões azinhavrados. De dentro do canhão se vê sair uma miniatura de polvo que mora lá dentro, que fez daquilo sua casa.

De outro lado, percebe-se a água que se move com suas pulsações. A luz atravessa a água e ilumina aquele fundo de mar, o qual fica como uma gelatina um tanto luminosa. Outras partes ficam na escuridão. E quando vêm aquelas pulsações, o galeão se move ligeiramente, e toda aquela espécie de gelatina de areia em que ele está posto também se move um pouco, de cá para lá, de lá para cá.

Séculos dentro do mar, o galeão está. Quase em pé, escorado por bancos de coral e coisas assim. Inteiro, mas um pouco inclinado.





*Uma catástrofe completa. Entretanto,
ele não rolou para o chão.*

*Toda a glória, todas as esperanças,
todo o futuro do galeão estão sepulta-
dos ali sem desespero, sem frenesi,
sem desânimo e sem contorção
nervosa.*

*Podemos imaginar que de vez em
quando se desprenda do galeão uma
como que figura aérea e mitológica
que sai de dentro do mar e atormenta
como um Adamastor aqueles que*

passam. Como um protesto de que ele ainda voltará.

O mundo da lenda é uma forma em geral poluída, mas com coruscações bonitas, do mundo da transesfera. Melhor ainda é figurar personagens que existiram, ampliando-os de tal maneira que realizem um ambiente de transesfera*.*



ESSE GALEÃO arquetípico*, transesférico*, o que é que representa, no fundo?

Ele representa uma dureza especial do senso da finalidade, pelo qual a pessoa raciocina da seguinte maneira:

“Sendo eu como sou, tão idêntico à minha matriz primeira, é certo que não quebrarei. Todos esses séculos, todas essas águas, todas essas circuns-

tâncias não são senão obstáculos que eu sobrepujo.

**ENFRENTO SOBREPUJANDO
E SOBREPUJO DANDO DE MIM
MAIS DO QUE TUDO ISSO.**

Eu sinto algo maior do que tudo isso, que nasce dentro de mim e que arma a proa contra tudo isso. Dia virá em que tudo isso entrará nos eixos”.

O que tanto pode ser uma esperança profética quanto, em nível de transesfera, a segurança de que um dia o juízo de Deus virá. Ou as duas coisas juntas.

O galeão não tem, é verdade, nenhuma consolação durante esse tempo de derrota. É bem verdade. A não ser a consolação permanente da sua própria certeza!

É preciso dizer que é uma forma de coragem total, radical. É uma forma de fortaleza impressionante.

*O fundo do mar é especialmente
augusto pelo silêncio e pela pe-
nombra . O ruído das ondas
não chega até o fundo, e lá
nada se ouve. É a região da
não sonoridade.*

*Isolamento, penumbra, silêncio,
apenas o irracional existindo lá
dentro, e, sentado nesse irracio-
nal, o infortúnio de um sonho,
de um império de transesfera,
que a estupidez e a brutalidade
dos homens não permitiu que
se realizasse...*



... MAS QUE
FICA COM A PROA
APONTADA PARA A HISTÓRIA.

BEM-AVENTURADO O HOMEM QUE
CONFIA NO SENHOR, E DE QUEM O
SENHOR É A ESPERANÇA.

SERÁ COMO A
ÁRVORE QUE É
TRANSPLANTADA
SOBRE AS ÁGUAS,
A QUAL ESTENDE
SUAS RAÍZES PARA
A UMIDADE. EM
TEMPO DE SECA
NÃO TERÁ MINGUA,
NEM JAMAIS DEIXARÁ
DE DAR FRUTO
(CF. JER., CAP.
XVII, 7 SS.).

RECADO





A Cavalaria não morre

Correu-se a laje.

Parece tudo acabado.

É o momento em que tudo começa.

É o reagrupamento dos Apóstolos.

*É o renascer das dedicações,
das esperanças. A Páscoa se aproxima.*

*Ao mesmo tempo, o ódio dos inimigos
ronda em torno do Sepulcro,
de Maria Santíssima e dos Apóstolos.*

Mas Eles não temem.

**E EM POUCO RAIARÁ A
MANHÃ DA RESSURREIÇÃO.**

Possa também eu, Senhor Jesus, não

temer. Não temer quando tudo parecer perdido irremediavelmente.

*Não temer
quando todas as forças da Terra
parecerem postas em mãos
de vossos inimigos.*

NÃO TEMER
PORQUE ESTOU
AOS PÉS DE NOSSA SENHORA,
JUNTO DA QUAL
SE REAGRUPARÃO SEMPRE,
E SEMPRE MAIS UMA VEZ ,
PARA NOVAS VITÓRIAS,
OS VERDADEIROS SEGUIDORES
DE VOSSA IGREJA.

Fim



Lincoln (2000 m.c.)

Caro Leitor

Esta obra pode servir de inquérito: o que, a respeito deste conjunto de temas, certamente pouco correntes, pensa o povo brasileiro?

Assim sendo, se desejar, responda ao questionário abaixo, e envie as respostas ao compilador da matéria deste volume:

- 1. Esta obra corresponde ao que esperava?*
- 2. O que mais o atraiu?*
- 3. Considerou sua leitura*
 - a) fácil*
 - b) difícil*
 - c) faz pensar sem fatigar muito*
- 4. São numerosas as pessoas que têm saudades de uma verdadeira Cavalaria?*
 - a) numerosas*
 - b) poucas*
 - c) raras*
- 5. Julga útil a divulgação destes pensamentos para o grande público? Indica alguém em particular a quem poderiam eles ser de utilidade (nome e endereço)?*
- 6. Outras observações*

Correspondência para:

Leo Daniele

Caixa Postal 53180

CEP: 08201-970 São Paulo - SP

E-mail: leodan@uol.com.br

Absoluto, senso do absoluto, procura do absoluto:

Em sentido próprio, absoluto é só Deus. Entretanto, existem na criação seres com graus de perfeição muito elevados, e esses seres nos remetem para a idéia de Deus de maneira mais excelente que os demais. A busca de tais perfeições constitui aquilo que o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira chama de procura do absoluto. Como dizia São Boaventura, "*o Universo é a escada pela qual ascendemos até o Criador*" (São Boaventura, "Itinerário da Mente para Deus", cap. I, 2); "*Comecemos por contemplar todo este mundo sensível como um espelho através do qual podemos chegar até Deus, o artista soberano*" (id, Cap. I, 9). Os seres criados são o vestígio, a imagem e a semelhança do Criador. Portanto, em todas as coisas, de alguma forma reluz o absoluto. Ter o senso do absoluto é o saber ver em todas as coisas os aspectos que melhor refletem a Deus. Entre outros autores, explanou São Boaventura tal tese, por exemplo no Breviloquio (Parte II, cap. XII) e no Itinerário da Mente para Deus (Cap. I, 2). "*A criação do mundo é como que um livro, no qual resplandece, representa-se e lê-se a Trindade criadora em três graus de expressão, a saber: como vestígio, como imagem e como semelhança*" (Breviloquio, II, XII). V. também Santo Tomás de Aquino, "Summa Theologica", I q. 45 a. 7.

Arquétipo: Tipo é o "modelo ideal reunindo em si os caracteres essenciais de certa espécie de objetos, em seu mais alto grau de perfeição". Arquétipo é o "tipo supremo, de que os objetos dos quais temos a experiência não são senão cópias; protótipo, padrão, original, modelo, paradigma" (Paul Foulquié, "Dictionnaire de la Langue Philosophique", P. U. F., Paris, 1962).

Arquitetonia, arquitetonicidade: no vocabulário pliniano, arquitetonia é uma ordenação possante e harmônica de conceitos. Arquitetonicidade é a qualidade pela qual um conjunto de idéias ou de belezas se insere em um conjunto, como as massas construídas num conjunto arquitetônico de grande classe.

Bonum: do latim. O Bem.

Contra-Revolução, contra-revolucionário: V. mais abaixo *Revolução*. Para Corrêa de Oliveira, contra-revolucionário em sentido pleno "*é quem conhece a Revolução, a ordem e a Contra-Revolução em seu espírito, suas doutrinas, seus métodos respectivos; ama a Contra-Revolução e a ordem cristã, odeia a Revolução e a anti-ordem; faz desse amor e desse ódio o eixo em torno do qual gravitam todos os seus ideais, preferências e atividades*" ("*Revolução e Contra-Revolução*", II, IV).

Idealizar: nesta frase, e em geral no vocabulário do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, significa despir determinada coisa de suas imperfeições, para imaginá-la perfeita, conforme às nossas mais altas aspirações. Essas figuras ideais pairam impalpavelmente sobre a Humanidade, constituindo uma esfera que não existe senão no pensamento: uma *transesfera*.

Inocência: O conceito pliniano de inocência vai muitíssimo além da acepção corrente da palavra. Não se trata apenas de não praticar o mal, mas sobretudo de aderir fortemente à harmonia do Verdadeiro, do Bom e do Belo. Inocente é quem não pecou contra aquele estado de espírito primevo de equilíbrio e temperança, e por isso conserva-se aberto a todas as formas de maravilhoso e apetente delas.

Metafísica: como substantivo, é a parte da Filosofia que estuda o ser enquanto ser. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira muitas vezes utilizava o adjetivo *metafísico(a)* em seu sentido etimológico, isto é, aquilo que vai além do físico.

Paradisologia: Estudo de como teria sido o Paraíso terrestre, de que foram expulsos Adão e Eva, e mais acima, como é o mundo angélico e o Paraíso celeste. É nessas culminâncias que se encontra a matriz para uma ordem humana ideal, para a qual a humanidade deve tender dentro das limitações impostas pelo pecado original. Um dos pólos de atração do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, durante toda sua vida, foi a procura da ordem ideal. Muitos dos pensamentos sobre o maravilhoso, a sociedade ideal, a ordem ideal, transcritos nos livros desta coleção, foram extraídos do acervo doutrinário monumental constituído por mais de quarenta anos de reuniões realizadas com esse fim. As anotações delas constituem manancial de riqueza incalculável para o estudo da ordem do Universo considerada em todos os seus aspectos.

Pulchrum: Devido a certa banalização da palavra belo em português, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira muitas vezes lhe preferia o termo latino *pulchrum*, que significa a mesma coisa mas carrega outras conotações. Sobre o *pulchrum* em Santo Tomás, vide *Summa Theologica*, I, q. 5, a.4; I, q. 39, a. 8; I-IIae, q. 27, a. 1 ad 3. "*O Belo na ordem criada é o es-*

plendor de todos os transcendentais reunidos: do ser, do uno, do verdadeiro e do bom; ou, mais particularmente, é o fulgor de uma harmoniosa unidade de proporção na integridade das partes (splendor, proportio, integritas - cfr. Santo Tomás de Aquino, Summa Theologica, I, q. 39, a. 8)". Garrigou-Lagrange O.P., Divine Perfezioni, Roma, 1923, p. 337.

Reino de Maria: São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) em seu Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem prevê a implantação na Terra de uma era "em que almas respirarão Maria como o corpo respira o ar", e em que inúmeras pessoas "tornar-se-ão cópias vivas de Maria" (Cap. VI, art. V). A essa era ele chama Reino de Maria. Essa profecia se entronca organicamente com a de Nossa Senhora em Fátima. Com efeito, depois de prever várias calamidades para o mundo, Ela afirmou: "Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará".

Revolução: Para o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, Revolução é o processo quatro vezes secular que vem devastando a Civilização Cristã. E a Contra-Revolução consiste no movimento de almas que se opõe a essa derrubada, e visa restaurar a verdadeira ordem. Ver o ensaio "Revolução e Contra-Revolução", do mesmo autor. Quatro edições em português, com tradução e várias edições nas principais línguas vivas.

Revolucionário: adepto da Revolução, de forma consciente ou subconsciente.

Sacral, sacralidade: na maneira de se exprimir de Corrêa de Oliveira, há uma diferença de matiz entre as palavras *sagrado* e *sacral*: sacral é o sagrado posto na ordem temporal ou profana. A sacralidade tem uma profunda relação com as desigualdades do Universo e se apóia sobre os seguintes princípios: a) O Universo — mais ainda, toda a ordem do ser — é hierárquico. b) Ele é insondavelmente desigual de um grau para outro, e infinitamente desigual em relação a Deus. c) O mais alto, a um ou outro título, é sempre causa, modelo, mestre e regente do mais baixo. d) A título próprio, só Deus é causa, modelo, mestre e regente das criaturas. Portanto, todas as hierarquias se reportam a Deus, que é infinitamente nobre, sublime e elevado. e) A escala dos seres é uma escala fechada, no sentido de que o mais alto, que é Deus, toca no último, no ínfimo. Deus e as ordens superiores estão, a um ou outro título, presentes nas ordens inferiores. Portanto não se trata de uma ordem estraçalhada e descontínua, mas harmônica, que se fecha.

Verum: do latim. O verdadeiro.

Transesfera: v. *idealizar*, mais acima.

SOBRE REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO

O presente volume não pretende ser outra coisa que um eco do famoso tratado de Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra-Revolução*, tomado sobretudo do ponto de vista da necessidade da luta e do heroísmo.

Essa obra-prima de Plínio Corrêa de Oliveira, tão pouco conhecida no Brasil apesar de sua repercussão mundial, teve entretanto quatro edições em português, e foi publicada em inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, romeno e polonês.

É interessante conhecer alguns trechos mais relevantes da apreciação que sobre ela faz o Pe. Anastasio Gutiérrez C.M.F., em carta de 8 de Setembro de 1993.

Esse ilustre teólogo, recentemente falecido, foi doutor em Direito Canônico pela Universidade de Latrão e professor dessa mesma Universidade; fundador do Instituto Jurídico Claretiano de Roma; membro da comissão de redação do Código de Direito Canônico; conselheiro de várias congrega-

ções vaticanas, entre as quais a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; conselheiro do Conselho pontifical para a interpretação dos textos legislativos, organismo supremo da Igreja para as questões canônicas.

“Revolução e Contra-Revolução é um livro magistral, cujos ensinamentos deveriam ser difundidos até fazê-los penetrar na consciência de todos os que se sintam verdadeiramente católicos.

“A análise que faz do processo revolucionário é impressionante e reveladora por seu realismo e pelo profundo conhecimento da História, a partir do fim da Idade Média em decadência, que prepara o clima ao Renascimento paganizante e à Pseudo-Reforma, e esta para a terrível Revolução Francesa e, pouco depois, ao Comunismo ateu.

“Abundam pensamentos e observações perspicazes de caráter sociológico, político, psicológico (...) semeados ao longo de todo o livro, dignos,

não poucos, de uma antologia. Muitos deles apontam as “táticas” inteligentes que favorecem a Revolução, e as que podem ou devem ser utilizadas no âmbito de uma ‘estratégia’ geral contra-revolucionária.

“Em suma, atrever-me-ia a dizer que é uma Obra profética no melhor sentido da palavra; mais ainda, que seu conteúdo deveria ensinar-se nos centros superiores da Igreja, para que ao menos as classes de elite tomem consciência clara de uma realidade esmagadora, da qual — acredito — não se tem clara consciência. Isso, entre outras coisas, contribuiria para revelar e desmascarar os idiotas-úteis companheiros de viagem, entre os quais se encontram muitos eclesiásticos que fazem, de um modo suicida, o jogo do inimigo: esse setor de idiotas aliados da Revolução desapareceria em boa medida.

“Não me resta senão congratular-me com a Instituição TFP por ter um Fundador da altura e qualidade do Prof. Plínio.

“Concluo dizendo que impressiona fortemente o espírito com que a obra está escrita: um espírito profundamente cristão e amante apaixonado da Igreja. A obra é um produto autêntico da sapientia christiana”.

**UM HOMEM-CATEDRAL,
PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA (1908-1995)**



A foto traduz bem a realidade: este foi um homem muito benévolo, jovial, amigo. Um pai. Um católico ardoroso, que combateu o mal e foi injustamente odiado e combatido. Neste livro, ele nos faz como que ouvir sons maravilhosos e perdidos, por meio de pensamentos que são um hino à beleza ancestral e imortal do heroísmo

